

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

ALINE DINIZ WARKEN

**INFLUÊNCIAS DO CIBERATIVISMO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE GÊNERO
PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES**

FLORIANÓPOLIS

2016

ALINE DINIZ WARKEN

**INFLUÊNCIAS DO CIBERATIVISMO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE GÊNERO
PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina e ao Instituto de Estudos de Gênero como requisito do Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola, para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini.

FLORIANÓPOLIS

2016

Warren, Aline Diniz
Influências do Ciberativismo dos Movimentos Sociais de
Gênero para Formação de Professoras/es / Aline Diniz Warren
; orientador, Pedro Rosas Magrini - Florianópolis, SC, 2016.
82 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Ciências Humanas e Sociais. 3. Movimentos Sociais de
Gênero . 4. Ciberativismo. 5. Sociedade da Informação. 6.
Formação de professoras/es. I. Magrini, Pedro Rosas. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Gênero e
Diversidade na Escola. III. Título.

ALINE DINIZ WARKEN

**INFLUÊNCIAS DO CIBERATIVISMO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE
GÊNERO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

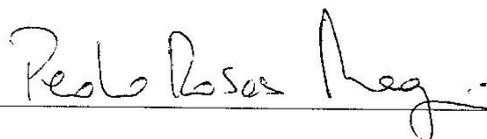
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Pedro Rosas Magrini



Marie Anne Stival Pereira e Leal Lozano



Adélia de Souza Procópio

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha mãe Berenice e minha irmã Daniele, minhas maiores incentivadoras para realização e conclusão do Curso de GDE. Me apoiaram neste grande desafio de produção de TCC ao mesmo tempo que iniciava o Mestrado em Educação PPGE/UDESC, me lembrando nos momentos de cansaço, o quanto este Curso me foi fundamental para construção da pessoa e educadora que hoje sou.

Meus agradecimentos se estendem ao professor e orientador Pedro, que mesmo na distância entre Florianópolis e Fortaleza, se fez presente no caminhar deste TCC, sendo essencial para refletir sobre minhas ideias e percepções das temáticas.

Gratidão à todas/os docentes pela partilha de conhecimentos e à todas/os tutoras/es pelas trocas de ideias. Em especial às marcantes figuras: professora Olga, tutoras Gisele e Samira, e secretário Jonathan.

Registro também um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

RESUMO

Com a ascensão das redes sociais pela intensa modificação da sociedade em comunicar-se e informar-se, as/os professoras/es também fazem uso deste elemento para interagir e como instrumento de obtenção de conhecimento e formação. Neste panorama atual, os movimentos sociais e discussões sobre gênero e sexualidades evidenciam-se. Este estudo busca entender como os materiais midiáticos utilizados pelo ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero (feminista, LGBTs, entre outros) nas redes sociais podem agregar à formação da/o professora/or. Então, este trabalho tem como objetivo central analisar as influências do ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para a formação de professoras/es. A metodologia ecossistêmica, proposta por Moraes e La Torre (2006), é norteadora deste trabalho que se entende como transdisciplinar. Pauta-se em uma pesquisa bibliográfica, documental e que se utilizou o questionário *online* sob um olhar quantiquantitativo para traçar o perfil das/os professoras/es respondentes, bem como compreender seu uso das redes sociais e conhecimentos de Movimentos Sociais de Gênero, nesses ciberespaços. Dois grupos de professoras/es respondentes foram estipulados: aqueles que cursaram a Especialização em Gênero e Diversidade na Escola na UFSC, e os que não. Buscou-se compreender como o Curso afeta a visão e atitudes das questões de gênero, com a uso de elementos midiáticos, influenciando no empoderamento das/os cursistas. Como resultados compreendeu-se que as/os professoras/es utilizam os perfis dos Movimentos Sociais de Gênero nas redes sociais como fonte de pesquisa, informação e formação; consideram de suma importância e urgência os diálogos sobre gênero e sexualidades nas escolas; e pela pouca formação e diálogo intencional sobre as temáticas, recorrem aos conteúdos e materiais midiáticos dos Movimentos Sociais de Gênero para construção de conhecimentos, bem como recurso pedagógico. Já as/os acadêmicas/os do Curso GDE relataram que este, mais a gama de materiais midiáticos disponibilizados, foram fundamentais para refletir sobre gênero nas suas diversas relações e na educação, e que a internet se faz importante recurso para as pesquisas sobre gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Movimentos Sociais de Gênero. Ciberativismo. Redes Sociais. Sociedade da Informação. Formação de Professoras/es.

ABSTRACT

With the rise of social networks by the intense modification of society in communicating and informing itself, teachers also use this element to interact and as an instrument for obtaining knowledge and training. In this current panorama, social movements and discussions about gender and sexualities are evident. This study seeks to understand how the media materials used by cyberactivism of the Social Movements of Gender (feminist, LGBTs, among others) in social networks can add to the teacher's training. So, this work has as main objective to analyze the influences of cyberactivism of the Social Movements of Gender for the formation of teachers. The ecosystemic methodology, proposed by Moraes and La Torre (2006), is guiding this work that is understood as transdisciplinary. It is based on a bibliographical and documentary research that used the online questionnaire by a quanti-qualitative perspective to trace the teachers- respondents' profiles, as well as to understand their use of the social networks and the knowledge provided by Social Movements of Gender in these cyberspaces. Two groups of teachers were stipulated: those who attended "Gender and Diversity in the School" course at UFSC, and those who did not. It was sought to understand how the Course affects the vision and attitudes to the issues of gender, with the use of media elements, influencing the empowerment of the students. As results, it was understood that the teachers use the profiles of the Social Movements of Gender in social networks as a source of research, information and training; they consider the dialogues on gender and sexuality in schools to be of utmost importance and urgency; and by the lack of training and intentional dialogue on the themes, they use the media contents and materials of the Social Movements of Gender to build knowledge, as well as pedagogical resources. On the other hand, the students of the GDE Course reported that this, plus the range of media materials available, were fundamental to reflect on gender in its different relations and in education, and that the internet is an important resource for research on gender and sexuality.

Keywords: Social Movements of Gender. Cyberactivism. Social networks. Information Society. Formation of Teachers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA	10
1.2. REFLEXÕES INICIAIS E JUSTIFICATIVA	12
1.3. TRAJETÓRIA ACADÊMICA E CONTRIBUIÇÕES DO CURSO “GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA” PARA MINHA FORMAÇÃO	15
1.4. CAMINHOS METODOLÓGICOS	17
2 OBJETIVOS	20
2.1. OBJETIVO GERAL	20
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
3 REVISÃO DE LITERATURA	21
3.1. GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE NA ESCOLA	21
3.2. MOVIMENTOS SOCIAIS DE GÊNERO E CIBERATIVISMO	25
3.3. FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES EM TEMPOS DE SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	36
4 REFLEXÕES E DISCUSSÕES SOBRE OS DIÁLOGOS ENTRE PESQUISADORA E PROFESSORAS/ES	40
4.1. PERFIL DA/O PROFESSORA/PROFESSOR	42
4.2. SOBRE GÊNERO & INTERNET	46
4.3. SOBRE GÊNERO, INTERNET & EDUCAÇÃO	52
4.4. ACADÊMICAS/OS DO GDE-UFSC	63
4.5. DIÁLOGOS SOBRE PANORAMA GERAL DESTE ESTUDO	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
APÊNDICE	76
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO COM OPERAÇÕES PARA MONTAGEM NO GOOGLE DRIVE®	77

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Palavras-chave para compreensão de temáticas relacionadas à gênero	14
Figura 2 - Infográfico sobre sexualidade e gênero	23
Figura 3 - Linha do tempo do feminismo com divisão em 3 ondas	26
Figura 4 - Linha do tempo dos movimentos LGBTs no Brasil	27
Figura 5 - Linha do tempo sobre 2015 – Ano do feminismo na internet	29
Figura 6 - Gráfico referente à pergunta 1 do questionário	42
Figura 7 - Gráficos referentes às perguntas 2, 3 e 4 do questionário	43
Figura 8 - Gráfico referente à pergunta 5 do questionário	44
Figura 9 - Gráfico referente à pergunta 7 do questionário	44
Figura 10 - Gráficos referentes às perguntas 8 e 9 do questionário	45
Figura 11 - Gráficos referentes às perguntas 10 e 12 do questionário	46
Figura 12 - Gráfico referente à pergunta 14 do questionário	49
Figura 13 - Gráfico referente à pergunta 16 do questionário	52
Figura 14 - Gráfico referente à pergunta 17 do questionário	53
Figura 15 - Gráfico referente à pergunta 18 do questionário	55
Figura 16 - Gráficos referentes às perguntas 20 e 21 do questionário	59
Figura 17 - Gráfico referente à pergunta 22 do questionário	60
Figura 18 - Gráfico referente à pergunta 23 do questionário	62
Figura 19 - Gráficos referentes às perguntas 24 e 26 do questionário	63

1 INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Na atual Sociedade da Informação¹ e ascensão das redes sociais, os Movimentos Sociais de Gênero fazem uso destes espaços e dos materiais midiáticos (imagens, vídeos, músicas) para construção de diálogos e produção de conhecimentos. As/os professoras/es, por muitas vezes, usam estes espaços para, além de informação, obter conhecimento, auxiliando assim na sua formação pessoal e profissional, já que inúmeros assuntos ainda há escassez em debate nas instituições educacionais. Assuntos estes que a temática gênero está incluída, e até o atual momento, repleta de receios, tabus e preconceitos. Odair da Silva (2012) agrega a compreensão deste processo atual de interligação de movimentos sociais às redes sociais digitais, bem como faz indicações à atuação da/o educadora/or neste contexto, quando nos diz que

O computador e os processos tecnológicos, nas redes sociais, de certa forma proporcionam liberdade de comunicação e pode influenciar a luta de uma sociedade organizada, sobretudo, na organização de saberes e no planejamento de ação e de liderança. Atualmente identificam-se nos eventos, congressos e movimentos sociais, debates em torno das denominadas redes sociais especialmente relacionados ao campo da pedagogia do oprimido, educação popular e pedagogia social. As redes sociais na academia identificam como funcionalidade, variantes para a pesquisa de definições teóricas e na construção de conceitos proporcionando produções de diversidades culturais e históricas. (...) enfatizamos a atuação do educador social diante da luta de classes apropriando de uma nova ferramenta no enfrentamento dos desafios para construção de cidadania interconectada pela tecnologia informacional e comunicacional (SILVA, 2012, p. 99).

Desta maneira, este estudo parte do entendimento que os movimentos sociais surgem da necessidade de reivindicar por algo que afeta o coletivo de maneira negativa, sendo então o movimento um ator coletivo que tem como objetivo maior a defesa dos sujeitos e seus direitos. Sendo assim, **os aqui nomeados “Movimentos Sociais de Gênero” são aqueles que lutam contra as desigualdades e normas de gênero e podem ser exemplificados pelos movimentos feministas e LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), compreendendo que não há como definir grupos, já que há todo momento os grupos se mesclam, se isolam ou criam-se novos.**

¹ Em 1966, Peter Drucker no livro *The Age of Discontinuity* fala numa sociedade pós-industrial em que o poder da economia estava assente num novo bem precioso: a informação. Autores como Castells (2002), Levy (1996) e Postman (1992) fundamentam o aparecimento de uma nova sociedade, a Sociedade da Informação, que é aquela inserida num processo de mudança constante, fruto dos avanços na ciência e na tecnologia. Revolucionando a maneira como aprendemos, o avanço das tecnologias da informação e comunicação tornou possível novas formas de acesso e distribuição do conhecimento (COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana, 2011, p.6).

Dentro dos Movimentos Sociais de Gênero há pautas distintas e criam-se grupos diferenciados com concepções diversas. Nos movimentos feministas há correntes liberais, marxistas, radicais, interseccionais, indígenas, camponesas, *queer*, entre tantas outras identidades (FERNANDO, 2013; NOBREGA, 2015; LEMOS, 2016). Já os movimentos LGBTs iniciam-se como os movimentos homossexuais e grupos gays que ao ganhar visibilidade e lutar por políticas públicas por todas/os/xs que eram excluídas/os/xs por sua orientação afetiva-sexual e identidade de gênero foram agregando pautas, lutas ao movimento. A sigla foi modificada conforme os grupos foram buscando por mais visibilidades: GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis), LGBTs, LGBT* ou LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Ao incluir assexual, intersex, *queer* e simpatizantes, a sigla aumenta ainda mais (NASCIMENTO; FOGLIARO, 2014). **Vale então ressaltar a pluralidade dos grupos dos Movimentos Sociais de Gênero que com estudos, diálogos e visibilidades são constantemente resignificados/modificados.**

Nos auxiliando na compreensão do conceito de movimentos sociais, Maria da Glória Gohn (2011) nos diz que são

ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas. **Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet** (GOHN, 2011, p.335-336 – grifo nosso).

Desta forma, sendo enfoque deste trabalho a influência do ciberativismo, nas redes sociais, dos Movimentos Sociais de Gênero entende-se que o ativismo digital é uma “arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos e panfletos” (MORAES apud YIRULA, 2011, p.online), logo uma militância em um ciberespaço para informar e engajar o coletivo, assim:

O ciberativismo é um *continuum* que vai desde a cibermobilização, que consiste no uso de ferramentas de Internet e redes sociais para chamamentos para mobilizações off-line às cibertáticas, que incluem componente online e off-line, mas não exigem a presença dos participantes e organizadores e constituem formas de protesto e discordância online (ex.: petições e abaixo-assinados online, envio de cartas a autoridades) e, ainda, aos cibermovimentos, nos quais a organização e participação no movimento ocorre inteiramente online (EARL; KIMPORT, 2011 apud BELLETTINI; ARELLANO, 2016, p.324).

Então, compreendendo o ciberativismo como o ativismo realizado na internet, aplicado a partir de protestos e movimentos organizados por grupos que lutam e defendem pessoal e virtualmente uma causa (SEIXAS, 2015), neste trabalho serão considerados e

exaltados, para análise da influência, os materiais midiáticos utilizados com a intenção de conscientizar, engajar², empoderar³ a/o cidadã/ão por meio do ativismo digital nas redes sociais dos Movimentos Sociais de Gênero.

Sendo assim, este estudo busca a compreensão de como o ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero refletem na formação de professoras/es, colocando-se como um tema atual para dialogar sobre a educação, gênero, sexualidade e internet, fundamental para entendermos mais sobre o contexto da Sociedade da Informação que demonstra cada vez mais resignificar os espaços educativos, bem como os ciberespaços.

1.2. REFLEXÕES INICIAIS E JUSTIFICATIVA

A reflexão sobre os movimentos sociais para formação das/os professoras/es surgiu quando ao prestar um concurso, no local, uma escola municipal, haviam cartazes sobre movimentos sociais com interessante abordagem de movimentos feministas e ambientais. Me questionei qual foi o despertar da/o professora/or para trabalhar estas temáticas com suas/seus educandas/os.

Uma das reflexões, após esta vivência, foi a vontade de compreender como colegas professoras/es e minhas/meus professoras/es compartilham imagens sobre feminismo, igualdade de gênero e sexualidade, nas redes sociais, principalmente no Facebook®, e expressam suas opiniões sobre tais temas. Alguns questionamentos foram inspiração para pesquisar estas temáticas: Como estas imagens e vídeos interferem nas reflexões e mudanças de atitudes desta/e professora/or para lutar pelas questões de igualdade (empoderamento, militância, etc.)? Atualmente adicionamos educandas/os às redes em perfis pessoais: como fica a questão da responsabilidade pelas postagens e como isso se propaga na sala de aula?

Sendo assim, além da suma relevância de dialogar sobre gênero pela perspectiva da/o professora/or sobre a influência das redes sociais na sua formação, exalta-se a importância deste estudo também pela intenção de pesquisar sobre influência do curso de especialização Gênero e Diversidade na Escola (GDE) no engajamento e empoderamento da/o professora/or. Acredito que o curso do GDE além das leituras, mas também com suas imagens e vídeos

² Engajar - Arrebanhar adeptos para uma causa política, social, filosófica etc. Abraçar um ideal filosófico, social, político etc. e lutar por ele. Alinhar-se a determinada ordem de ideias ou de ação coletiva; pôr-se a serviço de uma causa. Empenhar-se, esforçar-se, lutar por. Tomar parte em; encetar, entabular (Dicionário Michaelis, 2016).

³ Empoderar - Investir (-se) de poder, a fim de promover ações que possam provocar mudanças positivas no grupo social. Envolve consciência social dos direitos individuais para que haja a consciência coletiva necessária e ocorra a superação da dependência social e da dominação política. (Dicionário Michaelis, 2016).

compartilhados nos auxilia para reflexão e formação de nossa opinião como cidadãos/ãos e professoras/es. Visto que a maioria das/os acadêmicas/os do curso são professoras/es, podemos entender a influência do curso efetivamente para não só a formação da/o profissional, mas nas mudanças nos diálogos nas escolas.

A importância deste trabalho para a escola perpassa desde a urgência de discussão de gênero e sexualidade na formação de professoras/es, já que são estas/es que repassam seus conhecimentos e percepções de mundo as/aos educandas/os, bem como deste estudo se pautar em recursos feitos pelo coletivo, como as redes sociais *online* e materiais midiáticos, que influenciam os diálogos nas escolas pela sua atualidade e mudanças na sociedade. Esta Sociedade da Informação que exige troca rápida de ideias e notícias até mesmo alterações nas dinâmicas escolares, como o Dia da Família⁴, visto as diferentes famílias que se assumem e se evidenciam na atualidade. Nestes caminhos, acredita-se que a/o professora/or precisa se manter sempre atualizada/o, mas também para quebrar seus próprios paradigmas.

Logo, pesquisar a “Influência do Ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para a Formação de Professoras/es” sob o olhar dos estudos de Gênero e Diversidade na Escola significa estudar sobre a formação de professoras/es pesquisando sobre a visão destas/es sobre gênero e sexualidade, entendendo como os Movimentos Sociais de Gênero nas redes sociais *online* interferem em suas reflexões, engajamento social, atitudes em seu lar e dinâmicas dentro de sala de aula, principalmente por estas redes se pautarem em temáticas da atualidade.

Também como instiga para produção deste estudo, perpassa minha experiência como criadora de um canal⁵ no YouTube® e de uma página⁶ no Facebook® para dialogar, principalmente com professoras/es sobre “Meio Ambiente, Sexualidade e Formação do Ser integral⁷”, visto a pouca formação nos currículos sobre as temáticas, bem como na dificuldade de encontrar bons materiais para trabalhar com as/os educandas/os.

⁴ Dia Nacional da Família na Escola, evento proposto pelo Ministério da Educação, em 2001, para ser realizado duas vezes ao ano e tem como objetivo sensibilizar a sociedade, pais, professores e diretores para a importância da integração e do acompanhamento dos pais e familiares nas atividades pedagógicas e socioeducativas desenvolvidas pela escola de seus filhos. Nos últimos anos, boa parte das escolas brasileiras, aboliram a comemoração do dia das mães e pais, por entender a diversidade das constituições familiares, e comemoram a Família, em duas reuniões no ano letivo (MENEZES, Ebenezer Tanuko de, 2001; PACHECO, Clarissa, 2013; PRADO, Juliana, 2014).

⁵ Canal de título ‘Meio Ambiente e Sexualidade na Formação de Educadores’.

⁶ Página de título ‘Meio Ambiente e Sexualidade para Formação do Ser Integral’.

⁷ Formação do ser integral é aquela que contempla aspectos biológicos, sociológicos, sociais e espirituais baseando-se num processo educativo feito pelo coletivo, mas que valorize as singularidades individuais, logo em uma interação interpessoal e de desenvolvimento integral do indivíduo e do “sujeito coletivo” para transformação de mundos (MORAES, Maria Cândida, 1997).

Outro motivo que me fez querer pesquisar as temáticas propostas neste trabalho de conclusão de curso foi a reflexão ao postar em meu perfil pessoal do Facebook® a imagem a seguir, da qual teve 24 compartilhamentos e partir destes, João W. Nery⁸ me solicitou amizade na rede social e atualmente interagimos nas postagens relativas às questões de gênero e sexualidade. Tal interação me fez pensar na importância do ato de compartilhar materiais midiáticos que podem além de informar levar o conhecimento acerca de temáticas tão urgentes e essenciais para formação do ser integral, como posto que são gênero e sexualidade.

Figura 1 - Palavras-chave para compreensão de temáticas relacionadas à gênero.

<i>Palavras para conhecer e inspirar</i>			
FE.MI.NIS.MO Movimento iniciado na Europa com o intuito de conquistar a equiparação dos direitos políticos e sociais de ambos os sexos.		EM.PO.DE.RA.MEN.TO É a capacidade do indivíduo realizar, por si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer. Para levar a vida da forma que escolher.	
SE.XO Categoria que define o que é ser fêmea e o que é ser macho a partir do aspecto biológico, ou seja, dos órgãos sexuais.	GÊ.NE.RO Identidade construída socialmente para definir os papéis esperados dos indivíduos. Determinado a partir de construções sociais, que podem mudar.	CIS.GÊ.NE.RO Pessoa cuja identidade de gênero se identifica com o sexo biológico atribuído a ela no nascimento.	TRANS.GÊ.NE.RO Pessoa que não se identifica com o gênero que foi atribuído a ela quando nasceu ou que não se encaixa em uma definição binária de identidade de gênero.
PA.TRI.AR.CA.DO Sistema social que organiza a sociedade em torno de figuras de autoridade do sexo masculino.		SE.XIS.MO Atitude de discriminação baseada em gênero.	MI.SO.GI.NI.A Ódio, desprezo ou repulsa ao gênero feminino e às características a ele associadas.
TRANS.FO.BI.A Atitude de discriminação em relação às pessoas transgêneras.	MA.CHIS.MO Atitude ou comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher, sendo, pois, contra o feminismo.		MAN.TERRUPTING Man + interrupting Comportamento comum em reuniões e palestras, quando uma mulher não consegue concluir sua frase porque é constantemente interrompida pelos homens.
GASLIGHTING Violência emocional por meio de manipulação psicológica que leva a mulher a achar que enlouqueceu ou duvidar de seu senso de realidade, suas próprias memórias, percepção, raciocínio, etc.		BROPRIATING Brother + appropriating. Quando um homem se apropria da ideia de uma mulher e leva o crédito por ela em reuniões.	MANSPLAINING Man + explaining. Homem dedica seu tempo para explicar algo óbvio e fala didaticamente como se ela não fosse capaz de compreender, afinal é mulher.

Fonte: <http://www.avon.com.br/belezaquefazsentido>. Acesso em 6 fev. 16.

Sendo assim, tem-se como questão norteadora deste Trabalho de Conclusão de Curso: qual a influência do ativismo digital dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais, à formação das/os professoras/es, suas reflexões, e atos de engajamento?

⁸ Primeiro trans homem a ser operado no Brasil, durante a ditadura militar. Escritor do livro autobiográfico “Viagem Solitária”. Jean Wyllys, do PSOL, elaborou o Projeto de Lei de Identidade de Gênero (PL 5002/2013), também conhecida como Lei João Nery (@JWNery, 2016; WYLLYS, Jean, 2015).

1.3. TRAJETÓRIA ACADÊMICA E CONTRIBUIÇÕES DO CURSO “GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA” PARA MINHA FORMAÇÃO

Desde o curso de graduação em Pedagogia me inquietava o raro diálogo sobre questões de gênero e sexualidade. Na segunda fase do curso conheci na disciplina de Filosofia da Educação os três livros da “História da Sexualidade” de Michel Foucault. Realizamos as resenhas dos livros e depois deste momento dialogamos rapidamente sobre sexualidade em Psicologia da Educação acerca do desenvolvimento psicossocial, e em de Educação Física sobre desenvolvimento humano.

Já era técnica em Meio Ambiente na época, e como trabalho final do curso produzi um estudo sobre a interligação de “Meio Ambiente e Sexualidade, sob viés da Transdisciplinaridade, na Formação de Educadores”. Nas oficinas que realizei, em uma universidade pública, todas/os as/os acadêmicas/os de Pedagogia sinalizaram a carência por não falar sobre sexualidade, intencionalmente, e por esta não ser temática presente da grade curricular do curso. Reconheciam que seus tabus e inseguranças faziam parte integrante do evitar ao máximo dialogar o assunto com as/os suas/seus educandas/os, e até mesmo em pesquisar e buscar formação em cursos sobre sexualidade e gênero.

No ano seguinte, ingressei na especialização em Mídias na Educação e continuei o estudo sobre a interligação de meio ambiente e sexualidade, pensando a formação de educadoras/es, agora propondo a produção de videoaulas. Pude notar novamente os receios na abordagem sobre gênero e sexualidade, a dificuldade de realizar interfaces entre as temáticas propostas, bem como na produção do elemento midiático tendo como inspiração as/os educandas/os nativas/os digitais.

Como professora sempre identifiquei a urgência de dialogar, intencionalmente, sobre gênero e sexualidade na escola, pelas falas preconceituosas de colegas e pelas relações entre meninas e meninos, desde o *bullying* à divisão de atividades, como nas aulas de Educação Física. Entretanto, não sabia como propor o trabalho ou diálogo com as/os colegas e a direção, visto a imposição de conclusão dos conteúdos do currículo.

Durante todo meu caminhar acadêmico, busquei por espaços para refletir e dialogar sobre sexualidade e gênero, porém encontrava dificuldades nos raros cursos. Até conhecer o GDE, curso que me proporcionou conhecer várias/os autoras/autores e materiais, bem como apurar meu olhar para continuar a pensar a formação do ser integral, e também no olhar atento às múltiplas relações de poder no dia-a-dia. No mesmo período, fui aluna especial da disciplina “Tecnologia e Formação de Educadores: interfaces com a temática Educação

Sexual” com a prof.^a Dr.^a Sonia Maria Martins de Melo, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC. Senti que meu caminhar ficou repleto de sentidos com as temáticas que há muito buscava.

Antes do curso me considerava feminista, entretanto não refletia como poderia agir no meu cotidiano. Depois do GDE, **me assumo feminista** e entendo a luta diária não só como professora, mas no diálogo com minha família e parentes, bem como com as/os amigas/os, até mesmo na “mesa de bar”, refletindo as posturas que contribuem para cultura de estupro até posicionamentos políticos conservadores.

Descobri dentro do feminismo a interligação que sempre busquei, de meio ambiente e sexualidade e a valorização do ser integral, por meio do ecofeminismo⁹, e vivencio a luta diária pelo direito de todas/os, valorizando a diversidade do ser, principalmente, por meio da minha profissão como professora e pesquisadora em educação.

Nesta consonância, sempre recorro de uma fala que me deixou deslumbrada durante uma das palestras do Curso, quando uma mulher negra afirmou que seu **corpo é político**, expressado, principalmente, no cuidado com seu cabelo afro como ato de resistência.

Antes do Curso, considerava complicado o diálogo sobre política, contudo comecei a entender a importância do engajamento e da luta diária, e me encantei com os movimentos sociais (uma das razões deste trabalho). Há muito já me fascinava o movimento *hippie*, fato que me levou a criar um *blog*¹⁰ em 2009, para compartilhar ideias que percebia serem de positividade e de construção de conhecimento. Entretanto, não compreendia a importância da luta e ativismo dos movimentos sociais, principalmente para pensar a educação e a sociedade atual.

Assim, o meu *ser* pesquisadora se faz na valorização da inteireza compreendendo que as transformações de mundo acontecem no coletivo. Logo me entendo como uma incansável curiosa de como as relações educativas, sociais, culturais, históricas, *online* e *off-line*, acontecem para formação do ser integral, por isso este trabalho de conclusão de curso ganhou vida.

⁹ Escola de pensamento que tem orientado movimentos ambientalistas e feministas, desde a década de 70, em várias partes do mundo, procurando fazer uma interconexão entre a dominação da Natureza e a dominação das mulheres (SILLIPRANDI, Emma, 2000. p. 61).

¹⁰ Blog de título ‘Mundo Bicho Grilo’.

1.4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Gostaria de ressaltar, neste primeiro momento, dois pontos para a/o leitora/or compreender este estudo: optei por uma escrita na primeira pessoa do singular e também no plural, bem como privilegiei o uso do gênero feminino ao evidenciá-lo antes do masculino, me pautando em uma linguagem inclusiva, já que parto do entendimento que a escolha por ambas pontuações quebra com os vícios da academia que acaba perpetuando a visão androcêntrica.

Como experiência nos trabalhos de conclusão da graduação em Pedagogia e na especialização em Mídias na Educação, me apropriei da metodologia ecossistêmica, entendendo a relevância de optar por metodologias de pesquisa na educação que valorizem o ser integral, o processo de construção do conhecimento e todas/os as/os envolvidas/os, e nos trabalhos produzidos entendendo a interligação entre meio ambiente e sexualidade, logo uma visão de totalidade (macro) valorizando a subjetividade/individualidade (micro). Então, a metodologia que permeia também este trabalho é a Metodologia do Desenvolvimento Ecossistêmico, calcada no pensamento complexo de Edgar Morin e no pensamento ecossistêmico elaborado por Maria Cândida Moraes. Esta metodologia valoriza o diálogo, a riqueza do processo vivenciado na pesquisa, a troca entre sujeito e objeto do conhecimento, a história de vida das/os participantes, logo a interação como um todo, valorizando a pluralidade e diversidade de elementos para, da melhor maneira, compreender o processo e seus resultados (MORAES; LA TORRE, 2006).

A metodologia se apropria do pressuposto epistemológico da transdisciplinaridade, haja visto sua presença no conhecimento por meio de uma dinâmica complexa que considera que somos seres multidimensionais de pensamentos racional, empírico, técnico, intuitivo, simbólico, mítico e mágico; pensamentos estes influenciados pelas emoções e pelos sentimentos que circulam em nossa corporeidade, influenciando nossas ações e reflexões (MORAES; LA TORRE, 2006).

Maria Almeida (2009) esclarece que para construção do conhecimento pela pesquisa, que se pauta no pensamento complexo, requer uma/um pesquisadora/or capaz de compreender e pôr em ação a dialógica entre organização e ambiente, objeto e sujeito-pesquisadora/or, caracterizando assim um viés transdisciplinar. Uma metodologia viva, em permanente re-construção que articula objetividade com subjetividade, então a/o pesquisadora/or

abre mão dos cardápios de receitas oferecidos pelos manuais de pesquisa para criar suas próprias estratégias de abordagem, seus operadores cognitivos. Produzir um conhecimento pertinente é o que se espera dele: relacionar o fragmento e o contexto, o local e o global é a arte esperada das pesquisas multidimensionais e complexas (ALMEIDA, 2009, p.10).

Para apoiar a metodologia ecossistêmica, bem como o entendimento deste estudo como transdisciplinar, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica é base de toda pesquisa acadêmica e é desenvolvida a partir de livros e artigos já publicados (GIL, 2008). Já a pesquisa documental é o se embasar em documentos que possuem informação organizada sistematicamente, como documentos institucionais, leis, jornais; e podem ser comunicadas de diversas formas (oral, escrita, visual e gestual) (GONSALVES, 2001).

Nesta perspectiva, optou-se por uma abordagem metodológica na pesquisa quantiquantitativa. John Creswell (2010) nos indica que esta pesquisa é uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativas e quantitativas, e que envolve suposições filosóficas, uso de abordagens qualitativas e quantitativas e mistura das duas abordagens em um estudo. Desta forma, é mais do que uma simples coleta e análise dos tipos de dados, já que envolve o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isoladas (CRESWELL, 2010).

O método de procedimento de coleta de dados é o levantamento, do qual Antônio Gil (2008) conceitua como a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer, desta maneira recolhe-se as informações de integrantes do universo pesquisado (GIL, 2008). Compactuando com o exposto, o instrumento escolhido foi o questionário, um “método de coleta de dados, construído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p.100). Visto que este trabalho aborda as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), bem como terá como sujeitos da pesquisa professoras/es que utilizam as redes sociais e que estudaram em um curso à distância, o questionário virtual foi o caminho selecionado para contemplar os objetivos e compreensões para este estudo.

Conrado Mendes (2009), em seu artigo sobre pesquisa *online*, faz um diálogo com Marcuschi (2004) e entende que “na Sociedade da Informação, a internet é um protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” (p.2), logo quando bem utilizada agrega às práticas pluralistas. Assim a pesquisa *online*, no contexto das tecnologias digitais, se torna um espaço dinâmico e tem um grande potencial para levantamento de dados (MENDES, 2009).

Desta forma, o questionário semiestruturado *online* dialoga por meio de questões abertas e fechadas (de múltiplas escolhas), onde a/o respondente discorre sobre o tema proposto. Inicialmente pensou-se em aplicação do questionário com dois grupos: 20 educadoras/es da rede pública e privada da Grande Florianópolis e 20 educadoras/es acadêmicas/os do curso de Gênero e Diversidade na Escola. Entretanto com a divulgação nas minhas redes sociais pessoais, grupos do Facebook® voltados à Educação e Gênero e o compartilhamento de simpatizantes da pesquisa alcançou-se o número de 106 respostas, sendo que destas 12 são de professoras/es que cursaram Gênero e Diversidade na Escola. Estas/es sujeitos de pesquisa deveriam possuir conta em pelo menos uma rede social, para assim validar se as/os professoras/es de fato conhecem/seguem os Movimentos Sociais de Gênero na internet.

O vivenciado nesta pesquisa também percorre as interações nas redes sociais *online* nas postagens sobre este trabalho, minhas lembranças sobre as aulas do GDE nos diálogos com as/os docentes, tutoras e colegas, bem como meus conhecimentos sobre as temáticas advindas do meu caminhar acadêmico e pessoal.

Neste trabalho, depois desta parte introdutória com contextualização da temática, reflexões iniciais e justificativa, trajetória desta acadêmica com as contribuições do curso GDE para formação desta educadora, e os caminhos metodológicos, serão apresentados os objetivos do estudo. Na sequência virá a revisão de literatura que tratará no primeiro capítulo sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola e no segundo capítulo abordará os Movimentos Sociais de Gênero e Ciberativismo. Já no terceiro e último capítulo apresentará reflexões teóricas sobre formação de professoras/es em tempos de Sociedade da Informação. Em seguida serão expostos os levantamentos e análises de dados. Posteriormente estão as considerações finais, e por fim tem-se as referências bibliográficas, apêndice e anexos.

2 OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Analisar as influências do ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para a formação de professoras/es nas temáticas gênero e sexualidade.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender a percepção e proximidade das/os professoras/es com os Movimentos Sociais de Gênero na internet;
- Identificar como as/os professoras/es, por meio dos materiais midiáticos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais *online*, se apropriam de conhecimentos, auxiliando em sua formação; e refletem sobre questões de engajamento e empoderamento;
- Compreender como o Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola da UFSC, com seus materiais midiáticos, pode influenciar no engajamento de suas/seus acadêmicas/os que são professoras/es.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Como revisão de literatura foram utilizados bancos de dados como *Scielo*, Teses e Dissertações da UFSC, Google Acadêmico, livros *online* e *e-books*. As palavras-chave base para a pesquisa foram: movimentos sociais, gênero, sexualidade, formação de professoras/es e ciberativismo. Foram utilizadas estas composições de palavras, haja visto o diferencial e atualidade em pesquisar as influências dos materiais midiáticos por meio das postagens dos Movimentos Sociais de Gênero, entendendo isso como ato de ativismo digital para gerar empatia, conscientização, engajamento e empoderamento, e que podem auxiliar na formação de professoras/es, já que as temáticas gênero e sexualidade são raramente dialogadas nos currículos dos cursos de formação.

Vale ressaltar que as reportagens em sites de jornais e *blogs* foram importantes para produção deste trabalho, visto a atualidade da temática, e se faz necessário quando pesquisa-se sobre o contexto presente da sociedade e as influências da era digital para a formação do ser integral, sendo assim o pauto nestes ciberespaços para pesquisa-los e compreende-los. Também como este trabalho tem como um dos pontos-chave o entendimento da importância dos materiais midiáticos para formação da/o professora/or, durante o estudo a/o leitora/o terá contato com figuras para engrandecer a expressão da importância das temáticas.

Os tópicos a seguir são a construção do embasamento teórico trazendo autoras/es cúmplices das temáticas de gênero, sexualidade, diversidade na Escola, Movimentos Sociais de Gênero, ciberativismo, formação de professoras/es e Sociedade da Informação.

3.1. GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Neste momento, vamos refletir como as temáticas de gênero, sexualidade e diversidade são vivenciadas na Escola e, conseqüentemente, na formação de professoras/es.

A não vivência do diálogo intencional nos currículos sobre gênero e sexualidade demonstra uma fragilidade da sociedade que não consegue pensar na formação integral, e por diversos momentos, em tempos de Sociedade da Era da Informação, a internet vira um dos principais meios para obtenção de informação e também de conhecimentos sobre temas como gênero. Apesar da ciência da importância e necessidade de abordar gênero e sexualidade nos currículos de modo transversal, mesmo nas formações inicial e continuada de professoras/es e profissionais da educação, encontra-se o obstáculo da rara discussão, bem como das inseguranças e tabus que estas temáticas ainda são caracterizadas.

Por gênero, inspirada em Joan Scott (1990), entendo que seja “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (p.14). Desta maneira, gênero é entendido como uma categoria para diálogos e estudos acadêmicos, movimentos sociais, organização não governamentais e esferas do poder público, principalmente no que concerne às discussões de políticas públicas (WOLFF; SILVA, 2015).

Parto do entendimento de sexualidade como dimensão humana, logo conectada a conceituação de Scott sobre gênero, visto que como dimensão é constituída nas relações sociais. Agregando ao exposto conceitua-se:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito (BRASIL, 1998, p.81).

Assim, como dimensão inseparável do ser humano, a sexualidade é vivenciada de múltiplas maneiras e pode ser melhor compreendidas através da distinção das categorias: expressão de gênero (feminino, andrógênio, masculino), orientação afetiva-sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, assexual, pansexual e outros), identidade de gênero (mulher, homem – cisgênero ou transgênero - travesti, agênero) e o sexo biológico (macho, fêmea, intersexual) possuindo então influências e (re)significados das nossas crenças, vivências, práticas e experiências sexuais. Esta diversidade do ser humano e da vivência de sua sexualidade pode ser contemplada no infográfico que expressa esta dimensão humana, na figura a seguir:

Figura 2 - Infográfico sobre sexualidade e gênero.



Fonte: <http://triscapire.tumblr.com>. Acessado em 21 nov. 16.

Desta forma, dialogar sobre gênero e sexualidade, principalmente na educação, perpassa a importância do autoconhecimento, de como me relaciono comigo e com o outro, para ensinar, engajar e conscientizar. Nesta perspectiva, Leni Nachard (2016) agrega uma valiosa reflexão a respeito do papel da/o educadora/or sobre sexualidade e como a invisibilização dessa discussão na sua formação pode estar sendo prejudicial há várias gerações:

O papel da Escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre a sexualidade possa se expressar. O trabalho de Orientação Sexual, compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. O professor, mesmo sem perceber, transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, inclusive na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos. Afirmar-se, portanto, a real necessidade do educador ter acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema (NACHARD, 2016, online).

De encontro com essa discussão, Guacira Louro (1997) aponta que a escola deve ser espaço de pluralidade quando nos diz que as sexualidades (múltiplas formas de expressar a sexualidade) não são algo do qual possa-se despir antes de entrar na escola. E há muito tempo a escola se atenta a vigiar, disciplinar, controlar os corpos e sexualidades de educandas/os e educadoras/es (LOURO, 1997).

Neste sentido, Sonia Melo (2011) nos aponta a urgência do diálogo, intencional, sobre gênero e sexualidade na escola, quando fala que

os seres humanos se educam na relação, mediatizados pelo mundo, como disse Paulo Freire. Portanto, toda relação humana, sempre social, é sempre educativa. E sempre sexuada, já que a dimensão sexualidade é inseparável do existir humano,

sempre sexual, portanto é também educação sexual: processo constante existente entre os seres humanos. Todos educam todos queiram ou não, saibam ou não (MELO, 2011 apud MELO et al, 2011, p.62).

Nesta consonância de que somos todas/os educadoras/es e seres sexuados e refletindo sobre a essência do diálogo intencional sobre gênero e sexualidade na escola, entendemos a grande relevância dos movimentos feministas e LGBTs e dos estudos de gênero para a construção de propostas curriculares para educação sexual. Entretanto, mesmo com documentos apontando a urgência do diálogo intencional sobre gênero e sexualidade nas escolas, bem como sua efetiva vivência para formação integral de educadoras/es e educandas/os, passamos por um contexto de visíveis retrocessos como a retirada da temática gênero do Plano Nacional de Educação, e conseqüentemente de alguns planos estaduais e municipais.

Pedro Nogueira (2015) escreveu sete razões para discutir gênero e sexualidade na escola, motivado pelas discussões sobre a retirada dos diálogos sobre gênero e sexualidades dos Planos Municipais de Educação em 2015, nos fazendo também refletir sobre a importância do ativismo e dos movimentos sociais na luta dos direitos de abordar estas temáticas junto à sociedade. O autor elenca:

1. Gênero, sexualidade e identidade de gênero não são criações ideológicas, elas existem;
2. Violência contra mulher está generalizada na sociedade, e na escola também;
3. O mesmo se dá com a violência homo/lesbo/transfóbica;
4. Violência de gênero e preconceito causam evasão escolar;
5. Não discutir gênero vai contra diversos tratados internacionais assinados pelo Brasil;
6. O machismo impacta o aprendizado e a auto percepção de meninas e meninos;
7. Preconceito não tem nada a ver com religião, você é que está sendo intolerante (NOGUEIRA, 2015, p.online).

Nesta perspectiva, Mareli Graupe e Lúcia de Sousa (2015) nos indicam porque a escola é um ambiente para discussão de gênero e sexualidades:

(...) a instituição escolar, de forma explícita ou implícita, por meio do seu currículo, seu projeto político pedagógico, plano anual, plano de aula, material pedagógico, suas práticas pedagógicas, linguagens, brincadeiras, ainda é **um local privilegiado para discussão e reflexão sobre a produção e reprodução das desigualdades entre os gêneros**. Nesse contexto, a **falta de conhecimento sobre a questão de gênero por parte de profissionais da educação**, ou de profissionais que possuem conhecimento, mas não estão dispostos a mudar sua forma de pensar e agir sobre gênero, identidades de gênero, orientação sexual, acabam contribuindo para que a escola não desenvolva o seu papel de combate a toda e qualquer atitude e comportamento que revele sexismo, machismo, heterossexismo, etc. (GRAUPE; SOUSA, 2015, p.111 – grifo nosso).

Assim, o espaço escolar é um ambiente propício para construção das relações com base no respeito e reconhecimento das desigualdades e diferenças em relação à gênero, classe, raça e níveis de aprendizagem. Ao possibilitar um ambiente plural, de respeito e reflexão, as/os educandas/os não serão reprodutoras/es de papéis impostos pela sociedade.

Nas práticas de transformação nas relações de gênero forma-se cidadãs/ãos autônomas/os, críticas/os e plenas/os (GRAUPE; SOUSA, 2015).

Neste olhar de respeito ao plural, Tânia Welter (2015) em um diálogo com teóricas/os, nos indica a importância da educação para diversidade:

(...) percebo que “[...] educar para a diversidade não significa apenas reconhecer as diferenças, mas refletir sobre as relações e os direitos individuais e coletivos”. (GRAUPE; GROSSI, 2014, p. 29). Considero fundamental **“Que a escola seja um lugar de (re)criar e politizar a vida social, de compreender a necessidade de não separar cognição e corpo, de se livrar de discursos binários aprisionadores, de se questionar ininterruptamente e de se preocupar com justiça social e ética!”** (LOPES, 2008, p. 144). Desejo que a escola seja o espaço para aprender a superar as representações negativas sobre os corpos, as religiosidades, os desejos (HOOKS, 2003) e que ela invista mais na promoção da equidade e do respeito às diferenças do que na sua discriminação (WELTER, 2015, p.25 – grifo nosso).

Nesta urgência do diálogo intencional sobre gênero, sexualidade abarcando a diversidade, como nos indicam as/os autoras/es, se faz necessário pensar a formação de professoras/es e profissionais da educação, e de entender a interligação dos movimentos sociais às redes sociais *online*, e as possibilidades de outras formas de comunicação (gerando também o ciberativismo) podendo agregar à formação do ser integral na atual Sociedade da Informação.

3.2. MOVIMENTOS SOCIAIS DE GÊNERO E CIBERATIVISMO

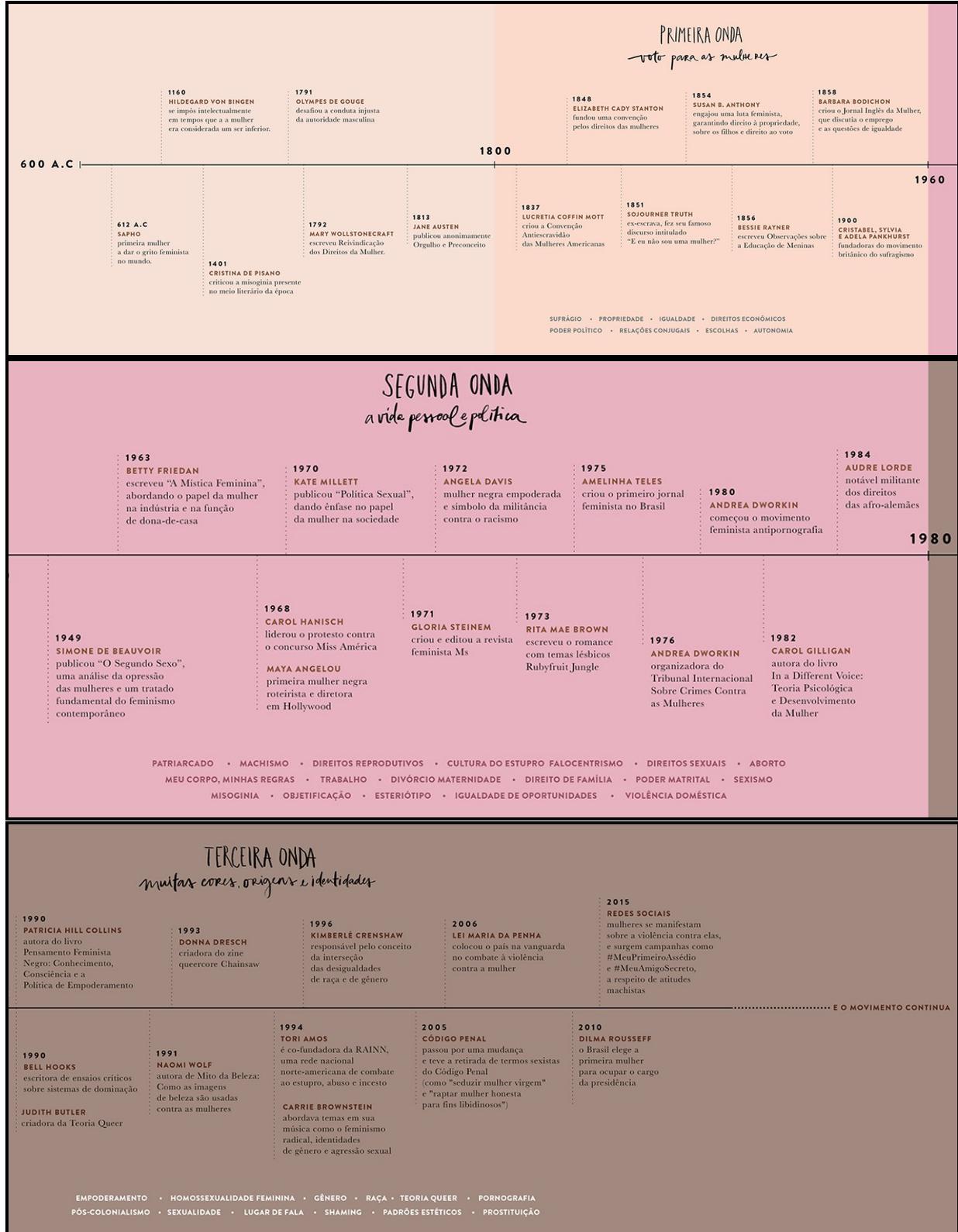
Partindo das conceituações sobre Movimentos Sociais de Gênero e ciberativismo no tópico 1.1 com a contextualização do tema, agora trago algumas reflexões acerca do contexto atual, por meio do entendimento histórico, as principais reivindicações, bem como as influências destes movimentos para a Sociedade da Informação.

A história da categoria gênero está diretamente associada à história do feminismo e da trajetória dos diferentes movimentos de mulheres. Comumente divide-se os movimentos feministas em ondas, da qual a primeira onda abarca o final do século XIX e início do XX tendo como principais bandeiras os direitos políticos e direitos sociais. A segunda onda compreende o período após Segunda Guerra Mundial, do qual as bandeiras são o direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado (WOLFF; SILVA, 2015). Muitas/os autoras/es falam em uma terceira onda¹¹. Para um panorama e compreensão dos fatos históricos dos

¹¹ Esta categorização por ondas se modifica com o tempo e de acordo com a realidade de cada região e país. Pauta-se na explicação universal das experiências européias e estadunidenses. No nosso país a primeira onda não ocorre no século XIX, mas no século XX com Berta Lutz e a segunda, ocorre tardiamente, no final da década de 1970.

movimentos feministas e entendimento da importância das redes sociais *online* para estes, a/o leitora/or pode contemplar a linha do tempo produzida pelo projeto OH K:

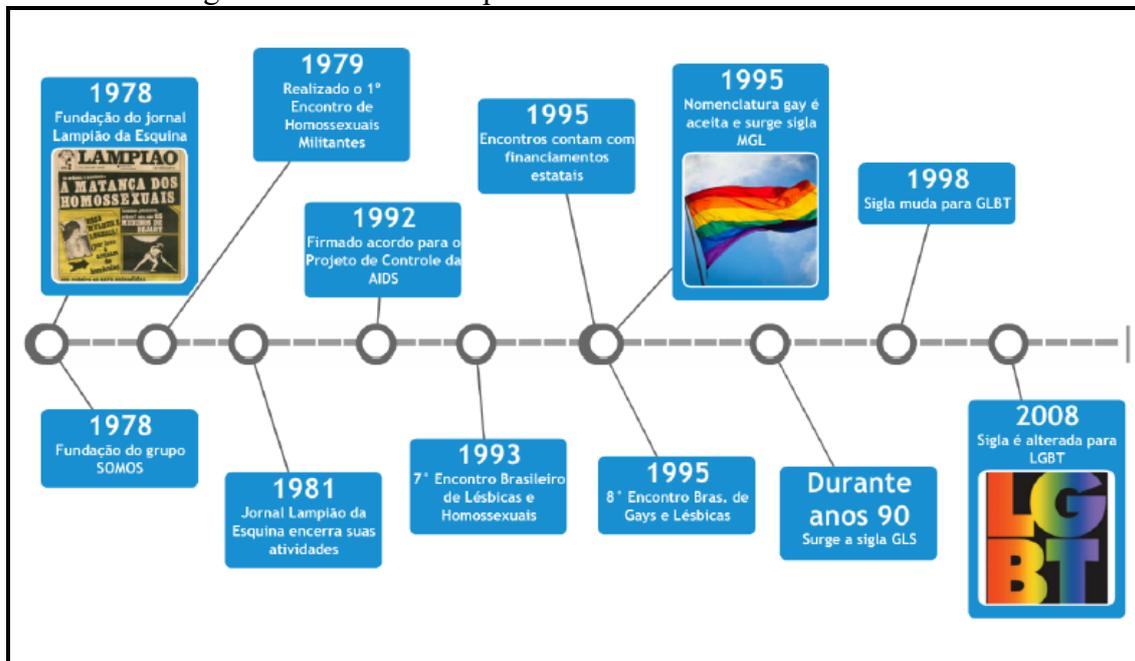
Figura 3 - Linha do tempo do feminismo com divisão em 3 ondas.



Fonte: <https://nakedlady.com.br>. Acessado em 18 nov. 16.

De encontro com a história dos movimentos feministas estão os movimentos LGBTs. No Brasil, os movimentos homossexuais, formado sobretudo por homens, ganham visibilidade no final dos anos 70. Diversos grupos gays são criados e os diálogos permeiam a luta contra patologização da homossexualidade, bem como o desuso da palavra homossexualismo. Regina Fachinni (2011) considera que a primeira onda do movimento é a afirmação da homossexualidade, bem como a politização da mesma. Na segunda onda as discussões e luta são contra a epidemia de AIDS, que era chamada de “câncer gay”. Discussões sobre casamento gay também são evidenciados. Na terceira onda considera-se a expansão do movimento, com a criação de ONGs e o foco começa a ser o coletivo: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (FACHINNI, 2011). A linha do tempo com o histórico dos movimentos LGBTs, no Brasil, pode ser compreendida na figura abaixo:

Figura 4 - Linha do tempo dos movimentos LGBTs no Brasil.



Fonte: <http://lutalgbtreportagem.tumblr.com>. Acessado em 20 nov. 16.

Desta maneira, **as lutas e debates da categoria gênero se dão por meio dos movimentos sociais, e neste trabalho compreendido como Movimentos Sociais de Gênero.**

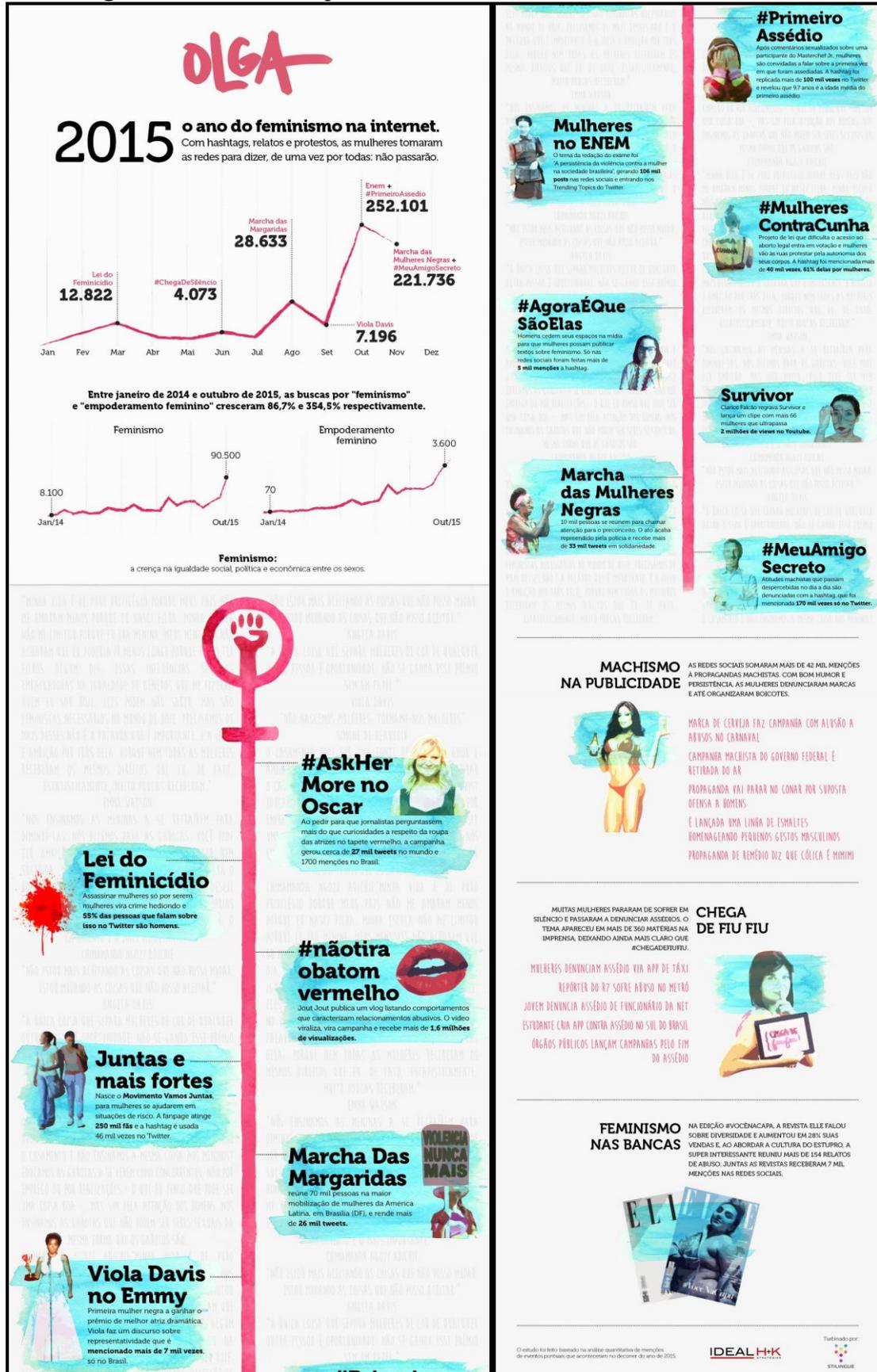
Em interface com o ciberativismo e os Movimentos Sociais de Gênero, trago a figura do projeto feminista Olga que apontou 2015 como o ano do feminismo na internet. Tal ponto é evidenciado pela gama de pesquisas acadêmicas sobre a importância dos Movimentos Sociais de Gênero estarem visibilizados nas redes sociais, assim a discussão de temáticas, como a descriminalização do aborto, por exemplo, entram em pauta nos ciberespaços

agregando múltiplas vozes ao diálogo e luta. Trabalhos estes como de Laís Modelli Rodrigues e Caroline Kraus Luvizotto (2014) sobre “Feminismo na internet: o caso do coletivo Marcha das Vadias e sua página no Facebook” que analisou como o movimento feminista faz uso das redes sociais como espaço de ampliação da atuação e mobilização na sociedade. E o de Daniele Ferreira Seridório e demais autores (2015) que pesquisaram sobre “Movimento feminista em rede: análise do blog e do Facebook “Lugar de Mulher” ” para compreender como este dissemina suas pautas em redes sociais *online*. Ambos estudos concluíram o desafio de informar e engajar para sair das redes *online* e ir às ruas, entretanto não se pautaram nas novas e múltiplas maneiras do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Ressalto que projetos como Olga, com postagens utilizando materiais midiáticos diversos, e que são compartilhados em suas redes sociais *online*, são um exemplo forte da visão de ciberativismo proposto neste trabalho.

A figura abaixo aponta que de janeiro de 2014 a outubro de 2015 houve um crescimento de 86,7% nas buscas sobre ‘feminismo’ e 354,5% nas buscas sobre ‘empoderamento feminismo’. Por meio de campanhas com *hashtags*, protestos e relatos, as mulheres visibilizam suas vozes, e múltiplas lutas, na internet.

Figura 5 - Linha do tempo sobre 2015 – Ano do feminismo na internet.



Fonte: <http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim>. Acessado em: 18 nov. 2016.

Nesta conjuntura, Ilse Scherer-Warren (2006) nos faz refletir como a globalização e o uso das redes sociais resignificou as ações dos movimentos sociais na luta pelo sujeito plural:

Nas sociedades globalizadas, multiculturais e complexas, as identidades tendem a ser cada vez mais plurais e as lutas pela cidadania incluem, frequentemente, múltiplas dimensões do self: de gênero, étnica, de classe, regional, mas também dimensões de afinidades ou de opções políticas e de valores: pela igualdade, pela liberdade, pela paz, pelo ecologicamente correto, pela sustentabilidade social e ambiental, pelo respeito à diversidade e às diferenças culturais, etc. As redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações –, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural (SCHERER-WARREN, 2006, p.115-116).

Para compreender esta mudança na sociedade, Bernardo Sorj (2016) em sua produção “*Online/off-line: o novo tecido do ativismo político*” analisa as transformações do ativismo político na América Latina com os novos usos dos meios de comunicação e informação. O teórico faz uma distinção da formação da sociedade civil por meio de três grandes ondas:

A primeira onda foi formada por organizações que representavam amplos setores sociais, geralmente agrupados em torno de interesses socioeconômicos ou profissionais, e cujos líderes, em regimes democráticos, eram escolhidos por seus membros. **A segunda onda, cujo formato típico é o das ONG, é formada por uma miríade de organizações, em geral pequenas, cuja legitimidade se sustenta no valor moral da causa defendida (como direitos humanos, identidades de gênero, raça, orientação sexual, meio ambiente etc.) e não em um mandato concedido por um público determinado. Por fim, a terceira onda constitui-se dentro do mundo virtual, formada por cidadãos que emitem opiniões, geralmente pessoais, nas redes sociais. Cada uma dessas ondas não elimina a anterior; elas se sobrepõem e se influenciam mutuamente, sendo que cada nova onda tende a ocupar espaços das anteriores, tanto em relação ao formato organizacional como o conteúdo das mensagens que veiculam** (SORJ, 2016, p.11 a 12 – grifo nosso).

Como consequência a primeira onda com a promoção dos direitos de trabalhadores e do acesso aos bens e serviços públicos levou a uma diminuição da desigualdade social. Já a segunda onda avançou nas temáticas de relações de gênero, a luta pelas minorias nas questões raciais e a consciência de proteção ao meio ambiente, sendo assim alcançou visibilidades, inclusão e direitos mais igualitários. Na terceira onda criou-se um novo formato de espaço público, resultado de novas formas de comunicação e organização das relações sociais, e que afetam os diversos tipos de ativismo político e seus conteúdos (SORJ, 2016, p.36).

Nesta perspectiva, compreende-se que com a revolução tecnológica e globalização, os hábitos e maneiras de interagir da sociedade passam por intensas transformações, formando uma nova cidadania. O público e o privado se misturam, como, por exemplo, com a cultura da *self* e indústria de celebridades domésticas (WENDHAUSEN; MELO, 2016).

Tal apontamento fica evidente ao sabermos que o Brasil é, hoje, o quarto país no *ranking* mundial de tempo gasto nas mídias sociais como Facebook®, Twitter® e

Instagram®¹². No país temos atualmente mais de 80 milhões de pessoas com acesso à internet¹³, logo a “informação pela internet atinge um maior número de pessoas, em menor espaço de tempo, a custo reduzido, já que não se trata mais de um suporte físico, mas virtual” (MENDES, 2009, p.2). Assim, Sorj (2016) nos indica como o ciberativismo está presente nas redes sociais:

Todos os estudos de caso indicam que o ciberativismo acontece fundamentalmente nas redes sociais, em **particular no Facebook e no Twitter, e por meio da transmissão de imagens, sobretudo via YouTube**. Até mesmo os críticos mais ardentes dessas redes as usam sistematicamente. O Facebook é o principal meio para disseminar mensagens e conteúdos um pouco mais elaborados, e o Twitter é particularmente útil para a transmissão de informações específicas sobre acontecimentos e disseminar palavras de ordem (SORJ, 2016, p.31 – grifo nosso).

Desta maneira, está evidenciado que os movimentos sociais se apropriaram desta ascensão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), do uso diverso dos materiais midiáticos para informar, potencializando a militância por meio das redes sociais. Fábio Seixas (2015) do Observatório de Redes Sociais do Grupo de Pesquisa em Mídia e Conhecimento (CNPq/UFSC) nos faz entender esse processo histórico do ciberativismo dos movimentos sociais quando diz que

pode-se dizer que a internet e redes sociais passaram a ter uma relação estreita com as pessoas conectadas do século XXI. Este é um meio livre e democrático, onde todos podem expressar sua opinião ou relacionar com grupos diferentes sem o julgamento ou preconceito de pessoas externas. Estas possibilidades de comunicação e sua importância fizeram com que surgissem, também, novas abordagens, disseminação de ideias, exposição de críticas e o compartilhamento da insatisfação pela sociedade em diferentes assuntos. **O crescimento dos Movimentos Sociais, paralelo à evolução da internet e surgimento de novos meios de contato e redes sociais, fez com que o ativismo se unisse com a web para formar o que chamamos de "ciberativismo"** (SEIXAS, 2015, p. online – grifo nosso).

De encontro com isso, e para pensarmos a educação na Sociedade da Informação, Miguel Arroyo (2003) nos indica a importância da apropriação das medidas educativas dos movimentos sociais para realizarmos uma educação significativa para as/os educandas/os, pensado a formação do ser integral:

A teoria pedagógica crescerá se se alimentar das virtualidades educativas presentes nos **movimentos sociais pelo fato deles reporem os perenes questionamentos da condição humana**. Nossas ações e intervenções escolares são pouco radicais para alimentar e dinamizar a teoria pedagógica. Esta teve seus tempos mais densos quando se voltou para as grandes questões existenciais da emancipação, libertação, igualdade, diversidade, convívio, inserção... (...) **Como profissionais da pedagogia teríamos de agradecer aos diversos movimentos sociais a posta em cena**, e de maneira tão rigorosa das grandes questões humanas que sempre revigoraram o campo da teoria pedagógica. Eles nos oferecem um prato cheio para sair dos

¹² Dado obtido em: <http://www.statista.com/statistics/270229/usage-duration-of-social-networks-by-country> . Acessado em 10 out 2016.

¹³ Dado obtido em: <http://observatorioderedessociais.blogspot.com.br/2015/12/ciberativismo-uma-forma-de-ativismo-na.html>. Acessado em 10 out 16.

recortes pontuais, dos olhares pobres em que se isolou o didatismo escolar e também o metodologismo da educação não formal. **Eles nos educam e educam os coletivos que deles participam. Educam a sociedade.** Agem como pedagogos (ARROYO, 2003, p.47 – grifo nosso).

Partindo desta máxima, que os movimentos sociais nos educam, faz-se um paralelo com a percepção de Mônica Wendhausen e Sonia Melo (2016) no entendimento que os novos espaços de comunicação “estabelecem novos comportamentos, valores e crenças, transformando-se (...) numa nova cultura de interagir/agir no mundo”. (WENDHAUSEN; MELO, 2016, p.131).

Então, para pensarmos sobre a formação da/o cidadã/ão na era digital, Andrea Lapa, Isabel Coelho e Simone Schwertl (2015) nos fazem compreender como conhecimento e formação, com as influências das ditas novas tecnologias, ocorrem nos ambientes de redes sociais *online* pelos movimentos sociais contemporâneos. Elas consideram que se faz necessário a atualização de conceitos clássicos, como democracia, visto a cidadania na cultura digital, bem como entender o espaço híbrido (*online* e *off-line*) como esfera pública que pode contribuir para a formação crítica, desde que haja uma educação por meio do diálogo. As autoras apresentam dois olhares distintos sobre a cultura digital: dos entusiastas (tecnófilos) e dos céticos (tecnófobos). O primeiro grupo entende que a tecnologia é capaz de renovar a vida política, cultural e cívica e que oportuniza a inclusão social. Já o último grupo compreende que a tecnologia corrompe a sociedade, afasta as pessoas e enfraquece a política (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015).

Entretanto, Lapa, Coelho e Schwertl (2015) defendem as redes sociais como espaço público educador e sinalizam a importância do cibereticismo e de como a cibercultura pode nos auxiliar na compreensão das ações dos indivíduos da Sociedade da Informação:

Compactuamos com o cibereticismo por escolhermos uma ênfase no sujeito social e na sua capacidade de ação para a transformação. A ação política como a condição humana que situa o indivíduo em um mundo já existente antes da sua chegada e o coloca em condição de estar nesse mundo comum em ação e discurso (ARENDRT, 1993), é o ponto chave da nossa preocupação. E questionamos: quais são as formas da ação política possíveis nos espaços de interação social da Web 2.0? Procuramos compreender como as pessoas se comunicam e se articulam, e se, através destes novos modos de interação social, formam vínculos, negociam as suas diferenças, constroem consentimentos, se organizam e agem pela transformação social. Esta abordagem nos parece mais interessante **por buscar possibilidades de fortalecimento do sujeito no contexto da cibercultura que passa, necessariamente, por uma melhor compreensão de como os indivíduos agem politicamente nas redes sociais** (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015, p.2 e 3 – grifo nosso).

Emerge da *Web 2.0* novos espaços de formação, assim as redes sociais legitimam-se como espaço público educacional, logo de formação dos sujeitos, principalmente ao oportunizar a criação de novos espaços para possíveis ações democráticas e cidadãs, bem

como de promoção do empoderamento de cidadãos/ãos. Lapa, Coelho e Schwertl (2015) exemplificam tal empoderamento com as manifestações do Movimento Passe Livre que mobilizaram milhões de pessoas nas ruas e nas redes impedindo o aumento de tarifas do transporte público, em 2013. Com a promoção do empoderamento, nas redes sociais, mulheres e homens

adquirem a capacidade para acessar informações e recursos, ganham a habilidade de articular suas próprias histórias, influenciam os problemas políticos que lhe dizem respeito, ampliam a confiança e a autonomia para fazer escolhas livres e significativas, traduzindo-as em ações e resultados que afetam suas vidas e da comunidade em que vivem (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015, p.4).

Nesta perspectiva, Marina Yamaoka (2012) nos faz refletir sobre a importância do ato de compartilhar de cada indivíduo para o ativismo digital, quando diz que

A infame afirmação de Malcom Gladwell de que o ativismo online não passa de uma coleta ineficaz de assinaturas deixou de fazer sentido no mesmo momento em que ele cunhou a frase. **O compartilhamento de informações e a busca de soluções estão impulsionando mudanças e estão entre as marcas do que é uma campanha 2.0.** Mais de dois bilhões de pessoas têm acesso à internet e, aparentemente, a cada segundo oito novas pessoas se conectam à rede. **Cerca de um bilhão de pessoas estão no Facebook, rede social na qual ‘curtem’, ‘compartilham’, debatem e informam e alteram as decisões que estão sendo tomadas para o nosso futuro comum** (YAMAOKA, 2012, p.online – grifo nosso).

Assim, neste ambiente plural, que se faz o ciberespaço, cria-se a oportunidade da vivência de uma democracia com uma participação em massa mais perceptível, a criação de espaços, *online* e *off-line*, para diálogos acerca da cidadania, partindo do respeito às diferenças individuais, bem como ao pluralismo. Neste sentido, se faz fundamental a ação dos movimentos sociais, também nas redes virtuais, contribuindo com elementos formadores às/aos cidadãos/ãos e promovendo diálogos acerca da cidadania e sujeito social, haja visto que a ampliação de um significa a ampliação do outro (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015).

Sorj (2016) nos indica que o impacto da era digital deve ser entendido nos processos e contextos histórico-sociais, já que “as transformações sociais são anteriores ao surgimento da comunicação via Internet, que é influenciada por essas tendências preexistentes, ao mesmo tempo em que as modifica” (SORJ, 2016, p.12). Entende-se sobre estas ressignificações que as “novas formas de comunicação tendem a eliminar a separação entre o público e o privado, fundindo o subjetivo e o público, o pessoal e o coletivo, e valorizando mensagens onde prevalece o mal-estar pessoal e a denúncia” (SORJ, 2016, p.13). Vale ressaltar que os espaços e relações *off-line* e *online* estão na fase de infância, e seus atores estão em processo de aprendizagem na utilização dos novos instrumentos (SORJ, 2016).

Faz-se valoroso refletir que os meios de comunicação de massa estão monopolizados por seus proprietários. Entende-se que atos que se iniciam no âmbito digital raramente são

publicizados pelos meios de comunicação de massa. Assim o ciberespaço se constitui de importante ambiente para publicizar informações excluídas e ignoradas pela elite das redes tradicionais de massa. Exemplo disso é a atual mobilização, em todo o Brasil, do movimento estudantil contra a PEC 241 (55). O vídeo de Ana Júlia¹⁴ representando 850 escolas e institutos ocupados no Paraná obteve milhões de visualizações nos diversos canais do YouTube®. Criam-se assim:

(...) novas oportunidades de comunicação cidadã, particularmente atraentes para os jovens, e abre espaço para uma nova geração de comunicadores, transformando a dinâmica do espaço público e permitindo novas formas de ativismo e de cultura política. Para assegurar o caráter democrático das novas formas de participação é necessário que esses instrumentos sejam transparentes, minimizando os efeitos do anonimato pelo aumento da capacidade crítica e de discernimento dos cidadãos (SORJ, 2016, p.34).

Deste modo, a influência dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero, as redes sociais *online*, perpassa debates como a descriminalização do aborto, o direito ao casamento de pessoas do mesmo sexo, ou o debate sobre constituição familiar, por exemplo. Temáticas pouco debatidas de maneira crítica pelas redes de massa. Isto fica evidente quando a página do Facebook® “Beyonce Feminista”¹⁵ posta a imagem de um educando agradecendo os conteúdos do perfil de movimento feminista, pois só assim ele pôde realizar uma boa redação do ENEM, deste ano de 2016, sobre intolerância religiosa no Brasil. Os comentários de diversas/os educandas/os com o mesmo sentimento de gratidão demonstra a importância das informações que estes Movimentos Sociais de Gênero disseminam e divulgam, agregando à reflexão e formação das/os cidadãs/ãos.

Sendo assim, como os meios de comunicação tradicionais estão monopolizados, nas mãos de grandes proprietários, fazem com que os novos meios de comunicação e as redes sociais *online* possibilitem uma alternativa aos indivíduos de expressarem suas percepções de mundo, logo um espaço mais democrático (SORJ, 2016). Todavia a crítica maior fica justamente para as opiniões vazias, senso comum, discursos de ódios, replicações sem reflexões, enfim sem o pensar com criticidade. Para tal necessita-se educar para a Sociedade da Informação, educar para a era digital, para que com ética, conhecimento e criticidade se formem coletivos que construam uma nova cidadania (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015). Neste contexto os movimentos sociais e seu ciberativismo demonstram ser um caminho para tal visão de formação integral da/o cidadã/ão.

¹⁴ Ana Julia Assembleia Legislativa do Paraná PEC 241. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pUQLs9y_fx4. Postado em 26 out 16.

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/bey.feminista/photos/a.311138912372836.1073741828.311119439041450/723528591133864/?type=3&theater>. Postado em 6 nov 16.

Com as redes sociais digitais e informação democratizada vemos empresas se adequando ao público, pois conforme maior parte da comunicação se realiza no mundo das redes virtuais surge uma nova conformação do espaço público. O comércio se apropria disso, define o formato por meio do qual as informações são organizadas nas redes sociais virtuais e posteriormente usadas para fins comerciais. “(...) O formato das redes está diretamente relacionado com o objetivo comercial de obter a maior quantidade possível de informações sobre as pessoas e suas preferências, construindo perfis de usuários com grande valor comercial” (SORJ, 2016, p.32). Exemplo disso é que revistas voltadas ao público adolescente feminino, como a *Capricho*¹⁶, recentemente passou a produzir matérias sobre feminismo. Ou na campanha para o dia das/os namoradas/os do *Boticário*¹⁷ que repercutiu com uma propaganda, em vídeo, com casais homoafetivos/homossexuais. Logo, as redes de massa acabam modificando suas pautas por não mais dar conta de informar sem uma mensagem crítica e agregadora. Seja a intenção maior de vender, mas o ponto positivo é que informações como estão sendo disseminadas e publicizadas.

Se faz essencial esta publicização nos meios de comunicação de massa e/ou de caráter comercial, ainda mais no contexto social-histórico-cultural que vivemos atualmente em um visível retorno ao conservadorismo, observado no Brasil principalmente pela emergência de uma bancada política extremamente reacionária. O que pode ser observado nas reportagens e vídeos destes conservadores sobre ideologia de gênero, descriminalização do aborto e Escola Sem Partido¹⁸, por exemplo.

Deste modo, o ambiente virtual vira um espaço de reivindicações, para expressar pensamentos diversos, para compartilhar materiais midiáticos e para estabelecer contatos nos múltiplos tipos de relações, sejam elas *online* ou *off-line*. Neste contexto da sociedade, o grande desafio do ciberativismo é a construção de um espaço público virtual que seja capaz de neutralizar os usos nocivos e que potencialize a parte agregadora positiva, para isso se faz necessário criar soluções reunindo o mundo *online* e *off-line*, com representação e participação das/os cidadãs/ãos (SORJ, 2016).

Sendo assim, é fundamental o diálogo permanente sobre as relações nos ciberespaços, pois é “uma possibilidade de organização do espaço público, denominado pelo autor de esfera

¹⁶ Em pesquisa ao site da revista *Capricho*, o feminismo é citado em 100 matérias, todas de 2015 e 2016.

¹⁷ Dia dos namorados O *Boticário*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p4b8BMnolDI>. Postado em: 25 mai 15.

¹⁸ Projeto de Lei 193/2016 que propõe que seja afixado nas paredes das escolas os deveres das/os professoras/es. Tais deveres tem fundamentação conservadora, autoritária e cristã.

pública: um espaço de livre acesso, onde as pessoas podem debater e desenvolver argumentos sobre questões da vida comum” (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015, p.7).

E nesta perspectiva, de diálogo crítico, entendemos que é essencial uma educação voltada para a internet, com a compreensão da importância do fazer individual e coletivo para formação da cidadania que contemple as conjunturas da sociedade da atualidade, assim refletir e agir para a formação de professoras/es se faz fundamental, pois são estas/es profissionais que repassam suas percepções de mundo e são responsáveis pela construção de conhecimentos agregadores e significativos.

3.3. FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES EM TEMPOS DE SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Para nos auxiliar no diálogo sobre como as/os professoras/es fazem uso dos materiais midiáticos das redes sociais *online* e mais especificamente, neste trabalho, para compreendermos a influência do ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero, para professoras/es que cursaram Gênero e Diversidade na Escola, na UFSC, e os que não, se faz fundamental pensarmos a formação de professoras/es na sociedade atual.

Como já refletido, a revolução tecnológica e globalização transformaram hábitos e maneiras de interagir e formaram a Sociedade da Informação. Exemplo disso na formação de professoras/es são os cursos à distância. Cursos complementares, que caracterizam formações continuadas, especializações e até formações iniciais em licenciaturas são uma forte realidade e caminho muitas vezes escolhido para esta/e profissional que deseja estar atualizada/o. Pensando a formação de professoras/es, Edile Rodrigues, Sérgio Junqueira e Lourival Martins Filho (2015, p.41) em diálogo com Marcelo Garcia diferenciam e conceituam:

- Autoformação como aquela que o indivíduo participa de forma independente e tem sob o seu próprio controle os objetivos e processos, os instrumentos e os resultados;
- Já a heteroformação é organizada e desenvolvida a partir de fora por especialistas, sem que seja comprometida a personalidade do sujeito que participa; e
- Interformação é compreendida como a ação educativa que ocorre entre as/os futuras/os professoras/es ou entre as/os professoras/es em fase de atualização de conhecimentos e que existe como um apoio privilegiado no trabalho da equipe pedagógica.

Partindo da compreensão, sinalizadas neste estudo, de que as redes sociais e os movimentos sociais educam, os autores, citados por último, nos demonstram a importância da autoformação, ainda mais em tempos de Sociedade da Informação, onde evidencia-se o poder da troca rápida de informações e onde as relações comunicativas resignificam-se pelas redes sociais *online*. Cientes que pensar em autoformação se distingue do ler uma frase de Paulo Freire no Facebook® e ler uma de suas obras completas, como *Pedagogia do Oprimido*, por exemplo. Todavia o poder da informação para gerar formação é justamente na busca e no pensamento em rede com pesquisas múltiplas e navegação por *hiperlinks* e *hipertextos*. Instigando a reflexão e procura por conhecimento, motivações desta/e professora/or que educa e é educada/o na Sociedade da Informação.

Nesta consonância, a formação de professoras/es deve ser constantemente refletida, e neste contexto a autoformação crítica e a valorização da subjetividade para transformação coletiva, nesta sociedade, já que

o sujeito é aquele indivíduo capaz de subjetivar sua vivência, instituir sentidos, elaborar conceitos, ideias e teorias. O indivíduo (o singular) só vai encontrar fundamento para a sua força de criação e luta por libertação na sua formação em sujeito, que é capaz de agir conscientemente e que, ao dominar sua obra, adquire valores que o penetram. Indivíduos sociais dotados de uma cultura que assumem o duplo papel de produto e produtor da sociedade em que vivem. Significa ter vontade de atuar no mundo mais do que permitir ser determinado por ele, onde sua liberdade será construída na alteridade, na sua relação com o outro, que deve unir seus dois universos: o universal e o particular (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015, p.8).

Deste modo, sob a perspectiva emancipatória, de engajamento e empoderamento, na importância dos indivíduos e suas subjetividades, bem como do trabalho coletivo, podemos entender como a sociedade atual e seu contexto cultural e histórico, perpassa a urgência de pensarmos a formação de professoras/es, já que atualmente exige-se uma “demanda por profissionais flexíveis, multicapacitados, capazes de aprender ao longo da vida. Cada pessoa tem de aprender a mobilizar para a sua vida a sua subjetividade, a sua identidade pessoal, a sua capacidade e competência, ou seja, o seu valor enquanto sujeito (DUDZIAK; BELLUZZO, 2008, p.45). Assim, a Sociedade da Informação exige a visão de um mundo multifacetado e mutante a partir de um olhar sistêmico. Entender o mundo como um sistema interconectado insere a educação na realidade dos indivíduos, em um processo dinâmico permanente (DUDZIAK; BELLUZZO, 2008).

Graupe e Sousa (2015) nos indicam que as/os professoras/es são as/os principais agentes para lutar pelo diálogo sobre gênero e sexualidade nas escolas, assim ao buscar, conhecer, dominar conteúdos e refletir, a/o professora/or possibilita às/aos educandas/os a vivência de uma instituição repleta de valores humanos e respeito às individualidades e ao

coletivo, propiciando reflexões para diminuir e erradicar com as exclusões e discriminações. (GRAUPE; SOUSA, 2015).

Em interface com a formação de professoras/es, também se faz urgente pensar a educação das/os nativas/os digitais já que

crianças e jovens passam mais tempo na internet do que na escola. De acordo com relatório TIC Kids Online Brasil 2012, publicado pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2013) 26% dos jovens de 13 a 16 anos de idade chegam a utilizar a Internet mais de 4 horas em um dia de semana, sendo que nos finais de semana a utilização diária da Internet é mais intensa. A pesquisa também aponta que mais de um terço menciona usos da Internet associados ao entretenimento (jogos, música e comunicação) como a prática mais frequentes e as atividades relacionadas com aprendizagens escolares aparecem em posição secundária (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015, p.6).

Desta forma, internet e escola estão interligadas do contexto atual das/os educandas/os. Se faz necessário transcender o olhar para mídia-educação. Um dos caminhos é a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como conteúdo e como ferramenta pedagógica. Também se faz urgente a compreensão que a internet é espaço livre para promoção de uma educação emancipadora e crítica para formação de sujeitos autônomos. Assim por meio da interface entre internet e escola é possível “compreender as contribuições dos usos políticos feitos nas redes sociais por movimentos ativistas e buscar formas de apropriação crítica destes fatores e circunstâncias em espaços públicos educacionais” (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015, p.6). Entende-se, então, que os movimentos sociais, e neste estudo os voltados a categoria gênero, e seu ciberativismo, podem muito contribuir para a formação crítica das/os cidadãs/ãos.

Sobre esta necessidade de pensar uma educação diferencial na valorização do ser de maneira integral, bem como a construção da educação por meio do coletivo, que em 1999 Jacques Delors traçou os quatro pilares da educação compactuando com o processo de desenvolvimento individual e coletivo das/os educandas/os da Sociedade da Informação. Neste processo, a escola é responsável como construtora do conhecimento e das relações sociais, refletindo aprendizados significativos para a formação do ser integral. Para este novo olhar e fazer pedagógico, pautados nos pilares (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender) e nestas novas formas de pensar, aprender, sentir e agir das/os educandas/os, faz-se necessário o investimento e atenção na formação de professoras/es, pois pedagogias e práticas ultrapassadas não dão conta dos interesses e aprendizagens desta geração. Com isso, o portal do Ministério da Educação (MEC), WEBEDUC (2012) nos auxilia a pensar o papel da/o professora/or na atual Sociedade da Informação, quando diz:

Para a nova geração de alunos que estão familiarizados com os jogos 3D e vídeos engraçados no *YouTube*, a educação na escola precisa tornar-se mais atraente e interativa, e o professor nesse contexto, deixa de ser o detentor do saber e transmissor de conteúdos, passando a ser o facilitador, aquele que estimula nos alunos a cultura de produção e debate de ideias e que não apenas ensina, mas aprende (WEBEDUC, 2012 apud ROSA, 2014, p.20).

Maria Cândida Moraes (1997) nos indica que “para educar na Era da Informação ou na Sociedade do Conhecimento é necessário extrapolar as questões de didática, dos métodos de ensino, dos conteúdos curriculares, para poder encontrar caminhos mais adequados e congruentes com o momento histórico em que estamos vivendo” (MORAES, 1997, p.27).

As/os nativas/os digitais com certeza não conseguem ver a não integração de suas vidas *online* e *off-line*. As relações são resignificadas, bem como o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação. As interações se dão por meio de jogos, na inscrição de canais onde a/o autora/or vira um ídolo por expor sua vida e seus pensamentos de mundo em seu canal que se torna um “canal de tv própria”. Assim, entende-se que na sociedade atual, **somos todos, individualmente e no e para fazer coletivo, uma Mídia**. Isto pode ser exemplificado pela importância dos canais de YouTube® de ativistas e ciberativistas LGBTs como *Canal das Bee* e *Põe na Roda* que realizam campanhas virtuais, entrevistas e abordam múltiplas temáticas que auxiliam na construção de conhecimentos sobre gênero e sexualidades.

Desta forma, entendemos que a escola e os cursos de formação de professoras/es precisam realizar trabalhos pedagógicos que contemplem as novas exigências e maneiras de expressar-se da Sociedade da Informação, se fazendo fundamental o diálogo crítico para que este ‘Ser uma mídia individual’ contribua para as diversas formas de ‘Ser uma mídia coletiva’ agregadora à informação e formação das cidadãs/ãos.

4 REFLEXÕES E DISCUSSÕES SOBRE OS DIÁLOGOS ENTRE PESQUISADORA E PROFESSORAS/ES

Neste momento, detalho como ocorreu a coleta de dados, realizando discussões com as respostas obtidas na pesquisa *online*. O questionário semiestruturado *online* foi o instrumento encontrado para me aproximar das/os professoras/es que utilizam as redes sociais *online* e para compreender a interação destas/es com as páginas/perfis/canais dos Movimentos Sociais de Gênero, bem como com as/os acadêmicas/os da especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola IEG/UFSC, e entender suas reflexões de engajamento e empoderamento após a vivência do Curso e o contato com seus materiais midiáticos.

O questionário foi produzido por meio de um formulário no Google Drive®, gerando um *link* que foi disponibilizado no meu perfil e nas minhas páginas pessoais, bem como em 11 grupos do Facebook® que abordam as temáticas: gênero, educação sexual, mídias e formação de professoras/es.

A interação foi extremamente positiva, atingindo 51 compartilhamentos e centenas de menções de perfis nos comentários da postagem original e nos grupos. Com a disponibilidade do meu e-mail no final do questionário para as/os interessadas/os em ter um retorno dos resultados do trabalho, também recebi e-mails de pesquisadoras/es em gênero, movimentos sociais e ciberativismo.

O aplicativo em que o questionário foi elaborado e disponibilizado, Google Drive®, gera automaticamente a cada resposta a atualização de gráficos nas questões quantitativas, o que facilitou a coleta de dados para traçar o perfil das/os professoras/es respondentes.

Obteve-se 106 respostas, entretanto 9 das/os respondentes sinalizaram que não se consideravam professoras/es. Como este estudo tem como sujeitos de pesquisa as/os professoras/es, e este ponto sinalizado no início do questionário, as 9 respostas foram desconsideradas. Então, todas as respostas válidas são de respondentes que se denominam professoras/es e possuem contas em alguma rede social.

As questões fechadas trouxeram elementos para traçar o perfil das/os professoras/es respondentes, gerando gráficos para melhor entender o contexto das/os professoras/es. Já as questões abertas forneceram subsídios para compreender como o uso das redes sociais e o ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero influenciam nas reflexões e atitudes das/os professoras/es, e foram analisadas pelas similaridades entre as respostas, bem como exemplos significativos para agregar ao diálogo da temática de estudo.

No primeiro momento, o questionário foi elaborado em documento Word® (APÊNDICE A) com o detalhamento de todas as operações para montagem na plataforma *online* escolhida. O questionário criado no Google Drive® torna-se uma ferramenta simples, acessível, gratuita, de fácil disseminação, onde é possível angariar um número abrangente de respostas, através do compartilhamento por terceiros. O questionário ficou disponível para preenchimento do dia 17 de outubro de 2016 a 1 de novembro de 2016.

A divulgação do *link* do questionário *online* é positiva para que as/aos participantes escolham o melhor local e horário para refletir e responder as questões. Um pré-teste foi realizado para contabilizar o tempo de respostas, chegando a marca de 5 minutos, indicado no início do questionário, deixando claro para a/o respondente o que esperar da pesquisa para diminuir as possibilidades de desistência.

Também no início do questionário foi pontuado a importância da pesquisa, bem como se a/o respondente aceitava participar da mesma e se comprometia com a veracidade dos dados fornecidos, estabelecendo um acordo de ética entre pesquisadora e pesquisada/o. O *link* do formulário obteve 1.445 cliques, o que demonstra um interesse da comunidade pela temática, assim como o aceite das/os professoras/es respondentes representa um engajamento em pesquisas sobre a formação em gênero e sexualidade na era da internet, constituindo uma voz de relato para construção de conhecimento coletivo.

Ao total foram 97 respostas¹⁹. Sinalizo que a identidade das/os respondentes é realizada pela classificação do número do envio do formulário respondido. Logo, as respostas mais interessantes serão nomeadas de respondente 1 a 97.

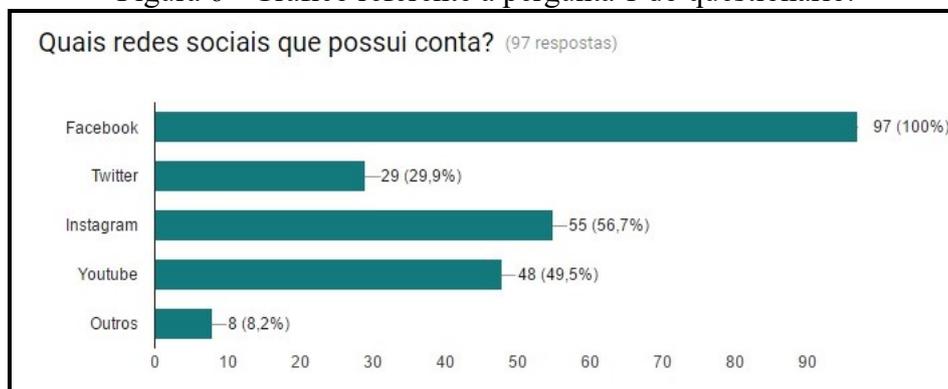
As perguntas foram divididas em quatro temáticas: 1) Perfil da/o professora/or; 2) Sobre Gênero & Internet; 3) Sobre Gênero, Internet & Educação; e 4) Acadêmicas/os do GDE-UFSC. Para facilitar a organização serão utilizadas estas temáticas na formação de subtítulos para melhor análise das figuras e discussões.

¹⁹ Deixo aqui registrado o *link* com a planilha Excel® que o formulário gera automaticamente, assim a/o leitora/or pode contemplar os dados em um panorama integral: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1zsg9udh1UP3Q2jOhwOBw0Rym_tChOcCHn1GXwH9Shog/edit?usp=sharing

4.1. PERFIL DA/O PROFESSORA/PROFESSOR

Para traçar um perfil das/os professoras/es respondentes foram realizadas 9 perguntas nos fornecendo compreensões acerca do exposto nas questões abertas.

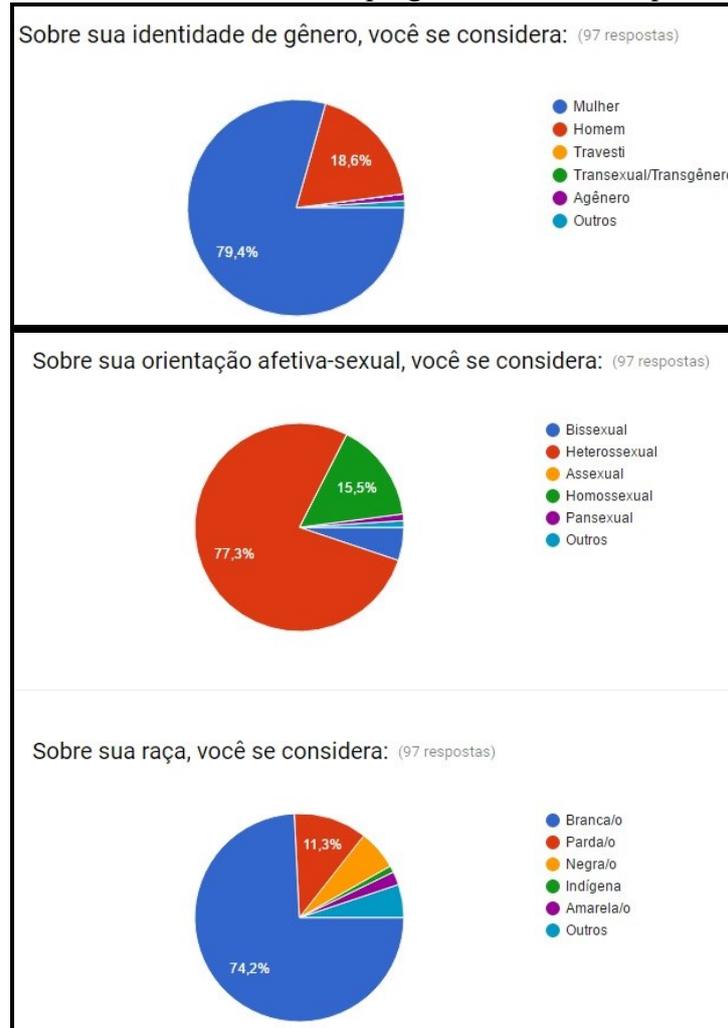
Figura 6 - Gráfico referente à pergunta 1 do questionário.



Fonte: Da autora.

O perfil das/os respondentes está em consonância com os dados brasileiros e o indicado por Sorj (2016) sobre o uso das redes sociais, dos quais as mais utilizadas pelas/os professoras/es são Facebook®, Instagram®, YouTube® e Twitter®. Na opção “outros” foi mencionado o WhatsApp®. Quanto ao Facebook®, todas/os respondentes possuem conta nesta rede social, demonstrando a importância desta na vida da sociedade atual, para interação e estabelecimento de relações diversas, bem como para obtenção de informações.

Figura 7 - Gráficos referentes às perguntas 2, 3 e 4 do questionário.



Fonte: Da autora.

Das/os 97 respondentes, 77 são mulheres, demonstrando que a profissão de professora é caracterizada por este público. Estabelecendo possíveis interligações sobre este estudo, percebo que são professoras preocupadas em ser voz à uma pesquisa sobre gênero e sexualidade. Sobre identidade de gênero também responderam: 18 homens, 1 agênero e 1 que sinalizou no item ‘outro’ como ‘gay’.

O perfil das/os professoras/es respondentes quanto à orientação afetiva-sexual e raça indica que a grande maioria se considera heterossexual (77,3% igual à 75 pessoas) e branca/o (74,2% igual à 72 pessoas).

Quanto a orientação afetiva-sexual as/os respondentes tivemos também os seguintes perfis: 15 homossexuais, 5 bissexuais, 1 pansexual e 1 que no item ‘outro’ sinalizou como ‘lésbica’. Já na raça obtivemos as respostas de: 11 pardas/os, 6 negras/os, 1 indígena, 2 amarelas/os. 5 pessoas sinalizaram o item ‘outro’: 2 pessoas como ‘humana’, 2 pessoas como ‘multiétnico’, e 1 pessoa como ‘mistura de raças’.

6.000 (25,8% igual à 25 pessoas) ou entre R\$ 2.501 à R\$ 4.000 (32% igual à 31 pessoas). Compondo classes econômicas C (4 a 10 salários mínimos) e D (2 a 4 salários mínimos), segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Realizando interfaces entre identidade de gênero, orientação afetiva-sexual, raça, classe e região de residência obtém-se um melhor entendimento do perfil das/os professoras/es respondentes compreende-se que são mulheres, heterossexuais, brancas, residem na região sul do Brasil e possuem salário familiar mensal de mais de R\$2.501.

Figura 10 - Gráficos referentes às perguntas 8 e 9 do questionário.



Fonte: Da autora.

A maioria das/os professoras/es (66% igual à 64 pessoas) atua na Educação Infantil (22,7% igual à 22 pessoas), Ensino Médio (22,7% igual à 22 pessoas) e Ensino Superior (20,6% igual à 20 pessoas). Interessante observar que a grande maioria das/os respondentes (40,2% igual à 39 pessoas) está atuando na área da educação há menos de 5 anos. Nos auxiliando na compreensão que as/os professoras/es que buscam a informação, formação e diálogos sobre gênero e sexualidades, são de uma nova geração de profissionais da educação.

Interligando as respostas das questões sobre salário familiar mensal, área de atuação na educação e tempo de atuação entendemos que estas/es profissionais trabalham entre 20 -

40h, e que possuem graduação e muitas/os pós-graduação, demonstrando o quanto as/os professoras/es buscam por cursos de formação continuada e pós-graduação após conclusão de seus cursos de formação inicial.

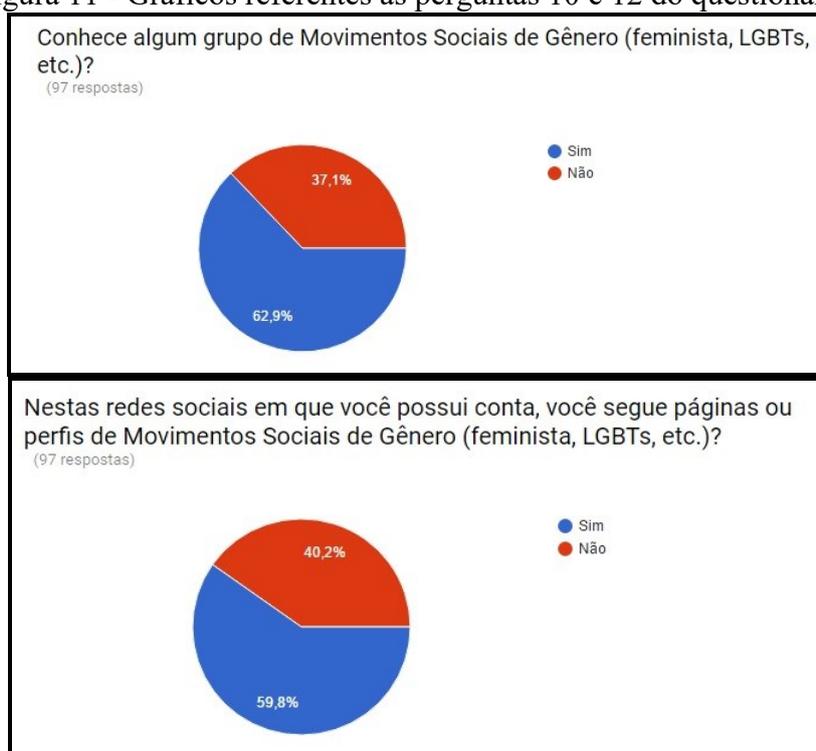
Nos cursos de atuação em nível técnico, graduação e pós-graduação, obteve-se a resposta de profissionais que atuam na Pedagogia, em Licenciaturas de Química, Física, Engenharia, na Saúde, Design e Arquitetura, interessante que uma/um das/os respondentes atua no curso de Bacharelado Gênero e Diversidade na Bahia (BENG).

Estes dados apontam para a reflexão que estas/es professoras/es de uma nova geração atuam com as crianças/adolescentes também de uma nova geração, nos fazendo compreender a busca pelo diálogo sobre gênero na internet.

4.2. SOBRE GÊNERO & INTERNET

Os 7 questionamentos deste tópico abarcam os conhecimentos e percepções das/os respondentes sobre os perfis nas redes sociais dos Movimentos Sociais de Gênero.

Figura 11 - Gráficos referentes às perguntas 10 e 12 do questionário.



Fonte: Da autora.

A figura expressa que as/os professoras/es respondentes em sua grande maioria (62,9% igual à 61 pessoas) conhece algum grupo de Movimentos Sociais de Gênero, bem

como se segue (59,8% igual à 58 pessoas) perfis destes. Os movimentos mais evidenciados foram feministas, negros, LGBTs. Dentre estes os exemplificados foram a *Marcha das Vadias* e *Grupo Arco-íris*.

Os perfis dos Movimentos Sociais de Gênero mais citados²⁰, na questão 10, foram de páginas do Facebook®: *Quebrando o Tabu*, *Catarinas*, *Feminismo sem demagogia*, *Empodere Duas Mulheres* e *Geledés*. Interessante ressaltar que sabendo que a grande maioria deste grupo de respondentes são mulheres, nota-se que acessam páginas/canais de concepção feminista.

Quando questionadas/os se “Considera importante que esses grupos possuam páginas em redes sociais? Por quê?” (questão nº 11), a grande maioria (91 professoras/es) das/os respondentes indicou que sim. Dentre as principais razões estão: visibilidade aos movimentos, divulgações das ações, conhecimentos e informações para sociedade, por alcançar as mais variadas faixas etárias, sensibilização e troca de experiências, combater exclusões e discriminações. Ressalto as respostas:

- “Sim. Por que estamos construindo uma nova percepção social em relação ao gênero e a maioria das pessoas que demonstram preconceito são mal informadas e essa é uma maneira para expressar sua identidade, informar e formar pessoas” (Respondente 88).
- “Sim! Todos os movimentos sociais têm que acompanhar as tecnologias de comunicação e informação” (Respondente 91).

Estas respostas simbolizam o quanto se faz essencial a presença dos Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais *online*, para auxiliar nas transformações na sociedade atual.

Das/os professoras/es que seguem os perfis dos Movimentos Sociais de Gênero das redes sociais *online*, os principais motivos foram: os compartilhamentos, obter informações atualizadas, conhecer as perspectivas dos movimentos, pela identificação com as lutas dos movimentos, complementar formação acadêmica e profissional, e pela situação política atual.

Muitas das respostas vão de encontros com o contexto da situação educacional e política do país, bem como da busca por informação e formação. Então sobre a questão (nº13)

²⁰ *Quebrando o Tabu* é página de um documentário sobre a problemática de drogas no Brasil e mundo, traz postagens sobre igualdade de gênero. *Catarinas* é uma página de veículo jornalístico especializado em gênero. *Feminismo sem demagogia* é uma página que defende o feminismo marxista. *Empodere Duas Mulheres* é uma página feminista que enfoque em postagens para empoderamento, sororidade e empatia entre mulheres. *Geledés Instituto da Mulher Negra* é a página do instituto criado em 1988 que luta contra racismo e sexismo.

“O que lhe fez buscar por e/ou seguir estas páginas/canais?” trago alguns exemplos que demonstram tal reflexão:

- “A militância virtual, o apoio às causas, o meu papel como educador que pensa em uma estrutura mais cidadã e menos preconceituosa, ter acesso aos conteúdos para trabalhar em sala de aula” (Respondente 83).
- “Sou professora e vivencio diariamente cenas de preconceito ou discussões que o mostram mesmo de forma implícita. Nas páginas feministas, como faço parte do movimento para mulheres na ciência, as páginas surgem meio naturalmente. Já nas LGBTs, tenho amigos LGBTs, um que faz show *drag*, meu irmão é gay, assisto RuPaul, então também vão aparecendo naturalmente as páginas” (Respondente 81).
- “Minha condição de mulher e vítima do machismo, por necessidade de uma experiência de sororidade²¹, de tribo, de igualdade, para complementar minha formação e, assim, minha atuação profissional” (Respondente 75).
- “Para complementar minha formação, pois o Facebook é um ótimo meio para divulgação de trabalhos, de revistas, de cursos. E a partir do momento em que comecei a seguir esses grupos, tive mais acesso atualizado sobre o que outras pessoas estão produzindo agora, sobre os cursos e vídeos que estão sendo comentados, etc” (Respondente 64).
- “Completar formação, situação política atual, Escola sem Partido, estupro, violência contra as mulheres e LGBTTI, retirada de Gênero dos Planos de Educação, Teologia Feminista, Teorias de Gênero” (Respondente 56).

Estes relatos evidenciam a atualidade dos conteúdos sobre gênero e sexualidades que se visibilizam na internet, por meio dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais, bem como a importância das redes para tratar destas atualidades, haja visto que os meios de comunicação de massa têm limitações na abordagem de tais temáticas. Também expressam a importância destes conteúdos na internet para a formação de professoras/es. Outras/os respondentes também citaram a busca pelos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero para complementar sua formação, mas também por pensarem na escola:

- “Muitas questões me levam a curtir essas páginas e segui-las, mas principalmente para me manter informada sobre questões do dia a dia que possam ser debatidas de forma construtiva na escola. Situações como a ocorrida na redação do ENEM é um exemplo;

²¹ Sororidade é um dos alicerces do feminismo, pois é a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, na luta por objetivos em comum (Significados.Com.Br).

mais recentemente estou envolvida com a Frente Gaúcha Contra a Escola da Mordça, que é um movimento que vai contra a Escola Sem Partido” (Respondente 69).

- “Para estar mais empoderado sobre os assuntos que tangem a diversidade sexual e de gênero, nas escolas e na comunidade” (Respondente 74).
- “Através do compartilhamento de amigos, para complementar a formação, uma vez que a atual situação política acaba que regredindo em pontos importantes sobre gênero e sexualidade, principalmente em ambientes escolares” (Respondente 28).

A internet e os compartilhamentos de conteúdos, nas redes sociais, pelos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero demonstram ser fundamental para obtenção de informação, com rapidez, e contribuir para a formação sobre gênero e sexualidade. Cito como exemplo, neste contexto de postagens que visibilizam temáticas, os números das violências contra as mulheres *cis* e, principalmente *trans*²². Informações estas que são omitidas pelos meios de comunicação de massa, bem como pelos órgãos de segurança e saúde pública.

Figura 12 - Gráfico referente à pergunta 14 do questionário.



Fonte: Da autora.

No questionamento sobre como as/os respondentes costumam visualizar os conteúdos das páginas/perfis dos Movimentos Sociais de Gênero, que era aberta à resposta para múltipla escolha, as/os professoras/es, em sua grande maioria, sinalizaram que ‘recebem os conteúdos pelo seu *feed* de notícias/*timeline*’ (59,8% igual à 58 pessoas) ou por visualizar no ‘compartilhamento de amigos’ (53,6% igual à 52 pessoas). Essa informação vai de encontro com as respostas da questão 12, sobre seguir perfis dos Movimentos Sociais de Gênero, pois

²² *Cis* – cisgênero: pessoa que se identifica com as características de gênero designado a ela no nascimento. *Trans* – transgênero: pessoa que não se identifica com as características de gênero designado a ela no nascimento.

o recebimento no *feed* se dá pelo seguir estes perfis, bem como de amigas/os simpatizantes destes Movimentos.

Já 29 respondentes sinalizaram que ‘acessam diretamente os endereços dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero’. Sinalizaram o item ‘outros’ 6 respondentes indicando que não visualizam os conteúdos dos perfis dos Movimentos, e 1 respondente sinalizou que ‘somente quando alguém compartilha os conteúdos’, podendo sua resposta ser inserida no contexto do recebimento ‘por meio de compartilhamento de amigos’.

Sendo assim, tais respostas evidenciam a importância dos conteúdos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero para este grupo, para informar-se e atualizar-se.

Na questão, nº 15, “Compartilha nas suas redes sociais os conteúdos (imagens, vídeos, reportagens, etc.) destas páginas? Por quê? ”, 73 professoras/es responderam positivamente e evidenciaram: quando o conteúdo lhe interessa, quando observa que o conteúdo pode ser instrutivo para seu grupo de amigas/os virtuais, para disseminar e divulgar informações e conhecimentos sobre estudos de gênero. Dentre as respostas que considerei mais relevantes, cito:

- “Sim, divulgação, para meus seguidores lerem, saberem dos temas, assim como saber meu posicionamento sobre os temas; como aborto, homofobia, gênero, dentre outros” (Respondente 96).
- “Sim, porque espero provocar as pessoas quanto as violências normatizadas que praticamos/aceitamos” (Respondente 45).
- “Às vezes, pois como sou professora de escola particular, se for algum assunto polêmico e direto, alguns pais/mães podem se sentir 'ofendidos'. Mas às vezes dou umas 'cutucadas' compartilhando textos/vídeos com conteúdos referentes às identidades de gênero, histórias infantis, 'brinquedos e coisas de meninos e de meninas” (Respondente 64).

Estas falas representam a importância dos conteúdos dos Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais *online*, na publicização de temáticas tabus como aborto e sexualidade na infância. Também apontam os posicionamentos destas/es professoras/es como ativistas digitais por meio dos compartilhamentos e levar informações e reflexões às pessoas dos seus círculos de amizades virtuais. Neste sentido, pensando na importância da diversidade de materiais midiáticos e estes como maneira de obtenção de informação, outras/os respondentes relatam:

- “Sim, mas às vezes. Costumo compartilhar poucas coisas. Compartilho quando me identifico com o conteúdo e a abordagem (prefiro vídeos/textos bem didáticos; atinge um público maior)” (Respondente 67).
- “Sim. Compartilho, pois, como acredito na rede.... Desta forma coleg@s e amig@s e também outras pessoas podem ter acesso a imagens, vídeos, reportagens, temas, discussões, etc” (Respondente 56).

Interessante observar que os materiais midiáticos como imagem e vídeo são apontados como mais didáticos, penso que por alcançar um público maior com uma linguagem mais simples e atraente. Assim as/os professoras/es podem se pautar nestes materiais para dialogar sobre gênero e sexualidades com suas/seus educandas/os, nativas/os digitais, que utilizam múltiplas linguagens para construção de conhecimentos.

Já sobre a importância dos conteúdos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero contribuírem para formação também das/os suas/seus educandas/os, bem como a credibilidade destes conteúdos, selecionei duas falas emblemáticas:

- “Sim, por entender que contribuo com a perspectiva defendida, também para oportunizar o acesso de meus alunos” (Respondente 37).
- “Sim. Porque acho útil promover postagens de sites comprometidos com fontes e discursos da temática e que desmentem estereótipos” (Respondente 43).

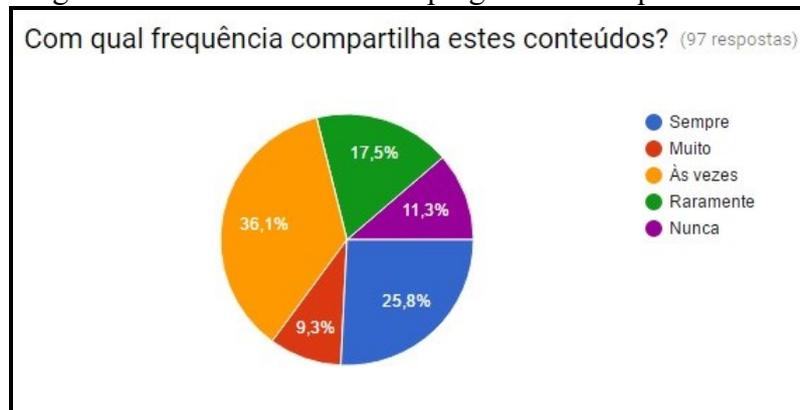
Entendo que os Movimentos Sociais de Gênero trabalham com o comprometimento das lutas, logo espera-se que os perfis destes chequem informações e se pautem em realidades não evidenciadas nos meios de comunicação de massa, para visibilizar assim as bandeiras das temáticas de gênero e sexualidade com credibilidade à informação. Logo, evidencio a credibilidade nos conteúdos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero, para este grupo de professoras/es.

Sinalizo que das 24 respostas das/os professoras/es que relataram não compartilhar os conteúdos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero está como principal relato “o não hábito de compartilhar conteúdos em seus perfis pessoais”. Achei interessante a fala da/o respondente 89: “Não, atualmente sou professora da educação infantil de um colégio particular (ano passado quando estava no mestrado compartilhava) ”.

Falas como esta evidenciam o quanto se posicionar nas redes sociais *online*, por meio dos compartilhamentos, nas temáticas relacionadas à gênero e sexualidade também são

repletas de tabus, preconceitos e discriminações. Especificamente na fala desta/e professora/or que trabalha com Educação Infantil e aponta um receio da percepção das/os responsáveis das crianças e suas postagens/compartilhamentos.

Figura 13 - Gráfico referente à pergunta 16 do questionário.



Fonte: Da autora.

Quando questionadas/os sobre a frequência que compartilham os conteúdos das páginas/canais dos Movimentos Sociais de Gênero, 34 respondentes sinalizaram como ‘sempre’ ou ‘muito’ demonstrando assim uma forte identificação pelas informações que estas páginas/perfis/canais possuem. Já 35 respondentes indicaram que ‘às vezes’ e 28 que ‘raramente’ ou ‘nunca’. Esta questão vai de encontro com o uso que cada professora/or faz de suas contas pessoais em redes sociais e com o compartilhamento de materiais midiáticos de um modo geral.

4.3. SOBRE GÊNERO, INTERNET & EDUCAÇÃO

Neste tópico foram realizadas 7 questões nos fornecendo conhecimentos sobre como as/os professoras/es se relacionam com as redes sociais, os materiais midiáticos e os conteúdos dos Movimentos Sociais de Gênero.

Figura 14 - Gráfico referente à pergunta 17 do questionário.



Fonte: Da autora.

No gráfico acima podemos visualizar que 57 das/os 97 respondentes utilizaram ou utilizam os conteúdos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero na sala de aula.

Dentre as atividades informadas por estas/es 57 professoras/es estão: debates e rodas de conversa sobre violência contra mulher e violência contra crianças; identidades e papéis de gênero; leitura de quadrinhos e poesias; divulgação de vídeos e filmes sobre discriminação; palestra sobre aborto; e textos de jornais sobre o dia da mulher.

Os relatos que considerei mais interessantes para contribuir na reflexão do uso de conteúdos para diálogos sobre gênero na Educação Infantil foram:

- “Trabalhei sobre gênero com as crianças da educação infantil, desconstruído pré concepções sobre ser menino e ser menina. Em uma das propostas, levei uma caixa com vários objetos (boneca, carrinho, panela, martelo, esmalte, boné, *skate*, bola, etc). Fui tirando um por um e perguntando quem podia usar ou brincar. E fomos conversando sobre isso. Para contrapor, a cada objeto eu mostrava uma imagem que contradizia as pré concepções. Por exemplo, levei fotos de meninos brincando de boneca, desconstruindo a visão que só meninas podem brincar de boneca. Levei imagens de todos os objetos que estavam na caixa, sendo usados tanto por homens quanto por mulheres. Foi uma proposta bem interessante” (Respondente 18).
- “Como trabalho na educação infantil, foi elaborado uma brincadeira com as crianças, onde os meninos brincavam com bonecas, e as meninas brincavam de carinho, nesta brincadeira já se observa crianças com pré-conceito, vindo de casa, meninos não brincam de boneca. Também a história da menina bonita do laço de fita” (Respondente 41).

- “Contação de história, livros como ‘Mamães e papai’, ‘O menino que brincava de ser’, ‘Na minha escola todo mundo é igual’, os livros do Tood Parr também tem várias ideias legais. Também questiono com as crianças coisas como os brinquedos, cores e atividades que eles mesmo pequenos já trazem definidos quais podem ser de meninos e quais podem ser de meninas” (Respondente 64).

As/os professoras/es de Educação Infantil nos indicam possibilidades no trabalho sobre gênero e sexualidade, desconstruindo tabus no diálogo na infância, já que há muito ainda se considera as crianças como ‘assexuadas’, mas principalmente evidenciando como desde pequenas/os as discriminações e preconceitos existem, estabelecendo assim trabalhos que demonstrem a importância do respeito às diversidades.

Já as/os professoras/es do Ensino Médio indicaram possibilidades do diálogo sobre gênero como:

- “Trabalho com Gênero no Ensino Médio, pois, ministro a disciplina de Sociologia, já realizei várias atividades sobre o assunto, como por exemplo: debates sobre as desigualdades de gênero; análise de letras de músicas brasileiras que vulgarizam a mulher; seminários sobre os papéis de gênero na sociedade; júri simulado acerca do tema "Casamento Homossexual"; exibição do filme "Orações para Bobby" e discussão do mesmo” (Respondente 46).
- “Criei junto com uma colega uma atividade que chamamos de Varal de Ideias. Selecionamos diversas imagens e informes, muitos desses que circulam em redes sociais, montamos em forma de mini cartaz e penduramos em um varal na sala de aula. Cada carta trazia uma imagem e um informe seguido de um questionamento. Os alunos em duplas escolhiam um mini cartaz, debatiam com seu par e depois em roda cada um explicava o seu e debatiam com o grupo. Eu e minha colega fomos as moderadoras do debate. Foi bem interessante” (Respondente 69).

Interessante observar os múltiplos usos de materiais midiáticos para diálogos sobre gênero nas escolas, nos diferentes níveis de educação. Estas duas últimas falas nos apontam a suma relevância, como já indicamos, da formação de professoras/es sobre gênero e sexualidade, já que são estas/es que repassam visões de mundo e mediam as construções de conhecimentos, logo se estas/es profissionais não tiverem formação ou possuírem aversão ao diálogo sobre gênero e sexualidades, se propagará o não respeito às diversidades de ser, bem

como não acontecerá a efetiva vivência da formação para o ser integral, na valorização das individualidades e no poder do trabalho coletivo.

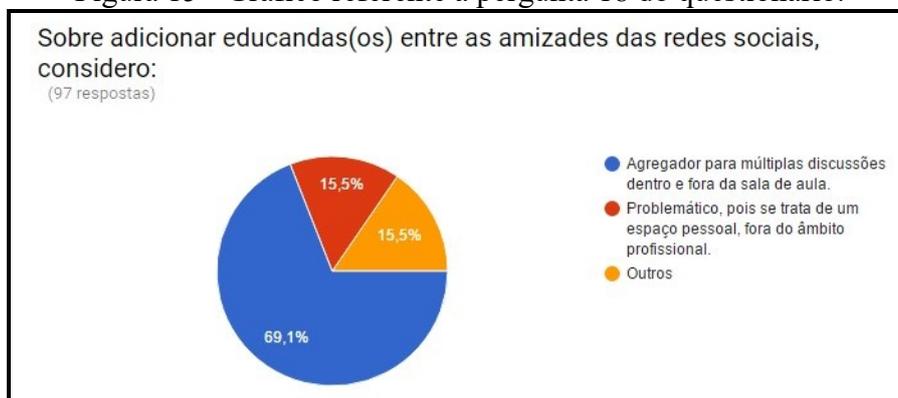
E para o Ensino Superior, as/os respondentes 70 e 92 nos indicam outras perspectivas pedagógicas para os diálogos sobre gênero:

- “Tenho um projeto chamado Pontes de Papel que propõe trabalhar, por meio do teatro, com questões de gênero em creches públicas” (Respondente 70).
- “Exemplo, utilizei de campanhas contra e a favor do Kit escola sem homofobia para trabalhar com vídeos no ensino médio. Experiência a qual me gerou frutos e relatos de experiências em congressos” (Respondente 92).

Estas/es respondentes são professoras/es de Artes Cênicas e Pedagogia, respectivamente, nos demonstrando assim as diversas maneiras de trabalhos e diálogos sobre gênero e sexualidades para a formação de novas/os professoras/es.

Ao realizar as análises das informações do questionário, compreendi que o número de 40 respondentes que não utilizaram/utilizam os conteúdos pode ser entendido pela temática gênero ainda ser raramente ou nunca dialogada, intencionalmente, nos ambientes de formação e atuação das/os professoras/es, principalmente na Educação Infantil (destas/es 40 respondentes, 15 atuam nesta área), apesar de intensamente vivenciada nas relações e muitas pessoas não percebem, justamente pelo conhecimento fragmentado e temática repleta de tabus.

Figura 15 - Gráfico referente à pergunta 18 do questionário.



Fonte: Da autora.

Uma das minhas indagações que inspiraram a produção deste trabalho de conclusão de curso é respondida pelas/os professoras/es ao serem questionadas/os sobre o ato de adicionarem educandas/os entre as amigas nas redes sociais. A maioria das/os respondentes (69,1% igual à 67 pessoas) considera agregador para múltiplas discussões dentro e fora da

sala de aula. Sendo assim, concluímos como um ponto diferencial positivo deste grupo, já que em tempos de Sociedade de Informação e novas maneiras de expressar-se, estas/es professoras/es permitem-se ter uma relação mais próxima com suas/seus educandas/os por meio das redes sociais *online*, gerando múltiplos diálogos nos espaços educativos *online* e *off-line*, e tornando-se agregadores à sua interação e formação. Outro fator que como o grupo de respondentes se caracteriza por jovens professoras/es que trabalham com novas gerações este é um modo atual de relacionar-se, onde o público e privado se mesclam, como nos indicou Sorj (2016) e Wendhausen e Melo (2016).

Já 31% (igual à 30 pessoas) das/os respondentes indicaram ‘problemático’ adicionar educandas/os entre as amizades das redes sociais ou sinalizaram ‘outro’. Dentre as respostas estão: é um espaço pessoal; depende da idade das/os educandas/os; tenho alunas/os pequenas/os, mas adiciono as mães destas/es. As respostas que considerei mais interessantes foram:

- “Não aceito, pois trata-se de uma escola particular, elitista e tradicional que não abre debates sobre o assunto” (Respondente 84).
- “Não adiciono como amigos, mas costumo criar grupos para as disciplinas e projetos, tanto no Facebook quanto WhatsApp, e discutimos essas questões por lá também” (Respondente 81).
- “Optei por ter dois perfis diferentes, um pessoal e íntimo, outro profissional” (Respondente 75).
- “Meus alunos são pequenos e não possuem rede social, mas acredito ser um espaço muito bom para que possam ser problematizados vários temas” (Respondente 64).

Tais relatos nos demonstram a suma relevância das redes sociais *online* na atual sociedade e como a questão do público e privado faz parte também deste contexto. A fala da/o professora/or que diz que não adiciona as/os educandas/os em suas redes sociais pessoais, mas cria grupos nestas redes para dialogar, também, sobre gênero e sexualidades nos aponta como é importante se apropriar dos ciberespaços para o fazer pedagógico significativo extrapolando a ideia que o conhecimento só acontece no ambiente *off-line*.

Ao serem questionadas/os se consideram importante o diálogo de gênero na escola (questão 19) somente 2 respondentes indicaram que não, e todas/os as/os 95 professoras/es sinalizaram a positiva, e os principais motivos perpassaram: que gênero é uma temática que faz parte da nossa vida e das relações; para diminuir os preconceitos, discriminações e

violências; para aprendizado do respeito às diferenças; porque a escola é o espaço de formação e construção de conhecimento. Algumas respostas abordam a essência deste trabalho como:

- Dialogar sobre Gênero é dialogar sobre a vida:

- “Sim! Discuto na medida do possível, pois minha sala são crianças de 5 anos. Mas já problematizei questões para refletir e acabar com o que eles dizem que só menino ou menina pode, depois eles mesmos veem que é possível e legal que todos brinquem de tudo, que não há nada específico para menino ou menina” (respondente 89).
- “Sim. Gênero faz parte da vida, das relações de poder que se constituem no cotidiano. Gênero questiona os padrões construídos sócio historicamente em relação aos papéis do masculino, do feminino e também das pessoas LGBTTI. Gênero trata também da construção dos tabus, dos símbolos, daquilo que vai cercear a vida em sua plenitude” (respondente 56).

As falas expressam que para dialogar intencionalmente sobre gênero e sexualidades não há uma idade específica, haja visto que somos seres sexuados e em processo de educação, logo quando dialogamos sobre tais temáticas estamos dialogando sobre a vida.

- Aprendizado do respeito a si e ao outro:

- “Sim. A aceitação do outro é muito importante e quanto mais diversidade de pessoas tivermos, mais diversidade de pensamento. Principalmente na Física, onde existe um padrão de pessoas e, portanto, um padrão de pensamento, que contribui pouco para solucionar os problemas da área” (respondente 81).
- “Sim. Certamente! Vivemos tempos de bastante intolerância com misoginia, homofobia, transfobia. Temos que trazer essa discussão para a escola” (respondente 62).

Os relatos nos reafirmam a importância do diálogo sobre gênero nas escolas para o aprendizado das diversas formas de ser, ainda mais em tempos de evidência do conservadorismo com intolerâncias, discriminações e desrespeitos.

- Formação do ser integral:

- “Sim, porque devemos formar cidadãos/cidadãs conscientes da diversidade de gênero/sexual para uma sociedade mais justa e igualitária” (respondente 75).

- “Com certeza. Os professores precisam estar prontos para discutir quaisquer questões que se fazem presentes da sociedade moderna, independentemente da disciplina que lecionam” (respondente 67).

Tais perspectivas vão de encontro ao refletido neste trabalho sobre a urgência da formação das/os professoras/es e do ser integral, fundamental para uma sociedade mais crítica, igualitária, cidadã, enfim humana.

- Papel da escola na sociedade atual:

- “Sim, pois a escola não é só um lugar para aprender conteúdos, é também um lugar para aprender a viver em sociedade. A escola tem o poder de transformar uma sociedade inteira, e por tal podemos torná-la o lugar para desenvolver uma sociedade mais tolerante as diferenças e que pense no coletivo” (respondente 69).
- “Sim, pois a escola está inserida na sociedade não pode ficar alienada a ela. Estas questões fazem parte do contexto da escola e é preciso conhecer para podermos fazer apropriações e nos posicionarmos criticamente” (respondente 66).
- “Sim, pois a escola é um dos espaços sociais que contribui para a construção das desigualdades entre os gêneros, reforçando os estereótipos. Desse modo, o debate de gênero na escola contribuiu para que construíssemos um ambiente educacional no qual as diferenças sejam respeitadas, assim contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos” (respondente 48).

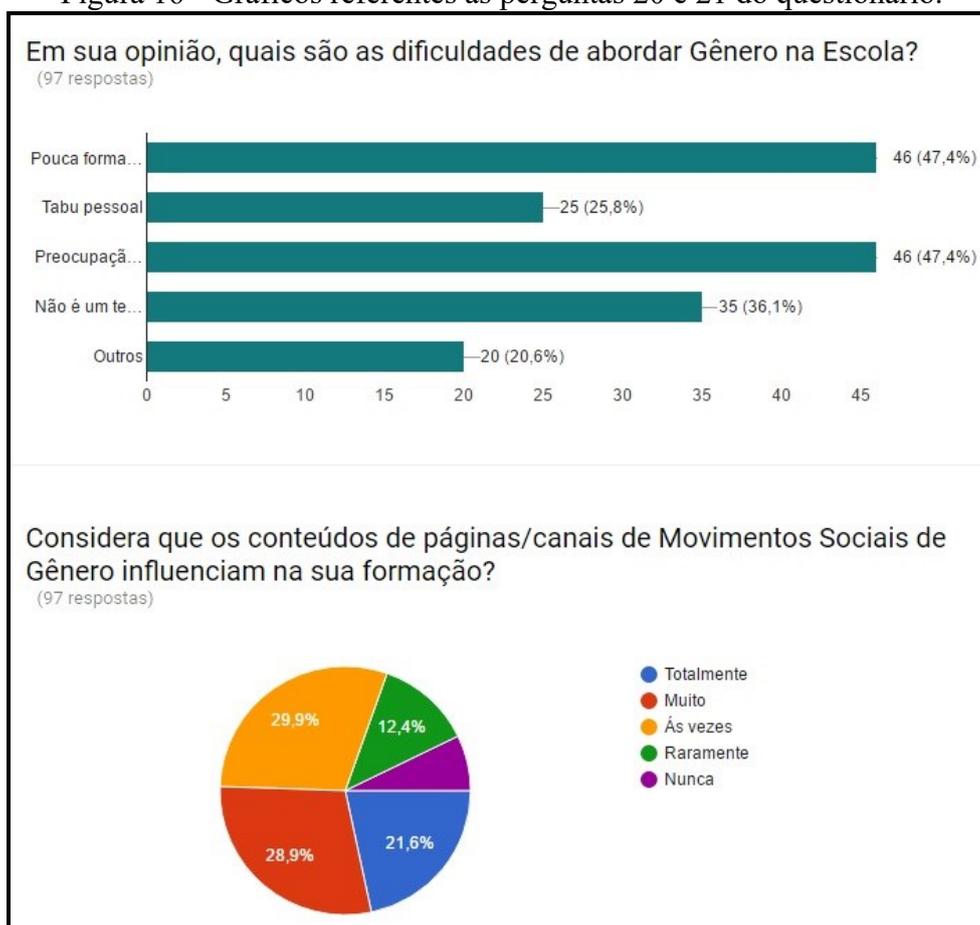
Importante ressaltar estes relatos que reafirmam que a escola é espaço de construção de conhecimentos por meio das relações com as diversidades do ser. Neste sentido, podemos nos pautar na urgência do diálogo intencional sobre gênero e sexualidades, haja visto que estas temáticas já se fazem presentes no currículo oculto escolar.

Me chamou também a atenção a resposta da/o professora/or que, ao responder sobre a importância do diálogo de gênero na escola, retomou a questão anterior para relatar sua relação com as redes sociais e compartilhamentos de conteúdos: “Sim, além de um tema obrigatório faz as pessoas perceberem como muitas das desigualdades, violências, dentre outras questões podem ser discutidas junto ao gênero como categoria de análise como forma de combater esses problemas. Sobre a questão anterior um breve comentário: seleciono os/as alunos/as que quero manter na rede de amizades. Acredito que muitas questões que não posso falar em sala e muitas vezes quero demonstrar meu posicionamento podem ser colocadas para

discussão nas redes sociais. Procuo ao máximo abordar em sala, mas sobre o aborto por exemplo, posso falar da minha posição, mas devo manter cautela para evitar possíveis problemas principalmente com a velha desculpa religiosa, por isso faço de minha página do Facebook®, por exemplo, um espaço para discussão e postagem de temas pertinentes ao meio acadêmico que visa melhorias na sociedade” (respondente 96).

Este relato é agregador, pois simboliza a essência deste estudo, já que a/o professora/or faz uso de sua rede social pessoal para compartilhar conteúdos que propiciam diálogos sobre gênero e sexualidades, e que geram reflexões para mudanças de ações na sociedade atual.

Figura 16 - Gráficos referentes às perguntas 20 e 21 do questionário.



Fonte: Da autora.

No questionamento sobre as dificuldades de abordar gênero na escola, que foi aberto para múltiplas escolhas, a maioria das/os respondentes apontou a ‘pouca formação profissional’ (47,4% igual à 46 pessoas) e a ‘preocupação com a opinião dos familiares das/os educandas/os’ (47,4% igual à 46 pessoas). O terceiro motivo mais indicado sobre a dificuldade de abordar gênero na escola foi porque ‘não é um tema proposto

intencionalmente nos currículos escolares’. E o quarto motivo mais indicado foi pelo ‘tabu pessoal’. No item ‘outros’ as respostas indicaram: resistência das/os educandas/os; reação contrária dos conservadores; e moralismo religioso.

Por experiência própria como professora, e nos meus trabalhos acadêmicos anteriores, entendo que esta é uma das questões mais polêmicas quando dialogamos sobre gênero e sexualidades que perpassa o autoconhecimento e como a/o professora/or lida com estas temáticas em sua vida pessoal. **É urgente que sexualidade seja entendida como dimensão inseparável do humano, e gênero como elemento construído socialmente, pois assim a formação de seres integrais, cidadãos, críticos e éticos se dará *online* e *off-line*.**

Na questão 21, sobre como consideram a influência dos conteúdos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero para a sua formação, que se caracterizada pelo objetivo central deste trabalho, obteve-se as seguintes respostas: 21 respondentes indicaram que influencia ‘totalmente’, 28 que influencia ‘muito’, somando, então 49 professoras/es que percebem a grande influência dos Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais *online*, para sua formação.

Já 29 respondentes indicaram que sentem influência ‘às vezes’, 12 consideram que ‘raramente’ e 7 que ‘nunca’ influenciam em sua formação. Para compreender melhor esta questão, partimos do entendimento que ‘totalmente’ expressa 100% de influência, ‘muito’ simboliza 75%, ‘às vezes’ expressa 50% de influência, ‘raramente’ significa 25% e ‘nunca’ 0%. Logo entende-se que o proposto por este trabalho se responde: os conteúdos das redes sociais dos Movimentos Sociais de Gênero, e seu ciberativismo, influenciam positivamente na formação de professoras/es.

Figura 17 - Gráfico referente à pergunta 22 do questionário.



Fonte: Da autora.

Das/os 97 respondentes, 56 sinalizaram que recordaram durante o questionário de algum conteúdo marcante para si advindo dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero. Quando solicitadas/os para citar o conteúdo que foi marcante para sua reflexão, formação ou pesquisa as/os respondentes indicaram: violência de gênero; denúncias de feministas; relação *trans* e *cis*; transexualidade. Me chamaram atenção os seguintes relatos:

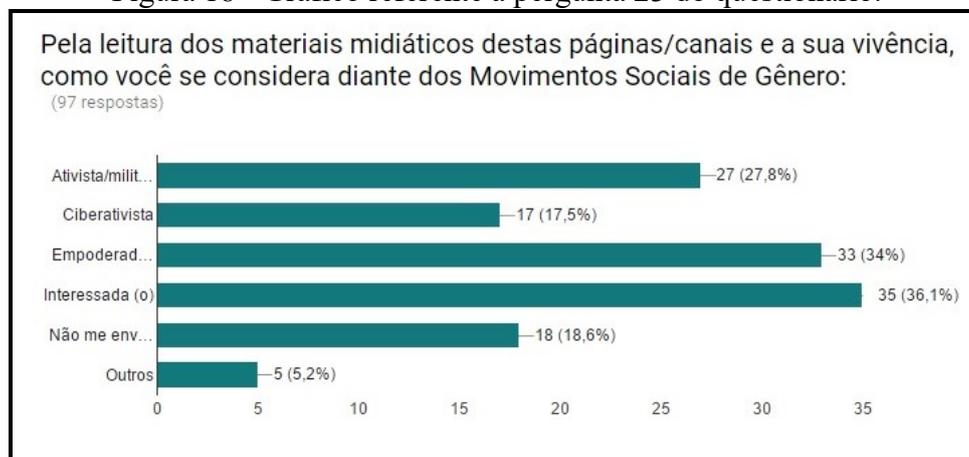
- “A denúncia das feministas árabes do nacionalismo de gênero no caso do burkini” (Respondente 3);
- “Uma matéria em uma revista que falava sobre os meninos que gostam de se vestir com roupas de princesas e brincar de bonecas” (Respondente 4);
- “Altos índices de violência contra a mulher em curto espaço de tempo”; “Os conteúdos que trazem reflexões e imagens acerca do tema de gênero” (Respondente 37);
- “Os conteúdos sobre a violência contra as mulheres sempre fazem com que eu reflita contribuindo para a construção da minha criticidade” (Respondente 48);
- “Prova do ENEM do ano passado que tinha a redação sobre feminismo e citava Simone de Beauvoir” (Respondente 52);
- “Era a capa de uma revista em que o menino estava vestido de bailarina” (Respondente 49);
- “O texto da Joan Scott foi fundamental para minha formação, textos que tratam da interseccionalidades entre etnia, classe social, gênero, geração, etc” (Respondente 56);
- “Vídeos do grupo olho vivo com depoimentos da comunidade LGBTQTT” (Respondente 58);
- “Campanha do fiiu fui. Notícias de estupro coletivo, etc” (Respondente 78).

Estes conteúdos sinalizados como marcantes para a formação das/os professoras/es expressam a importância e credibilidade dos perfis Movimentos Sociais de Gênero para obtenção de informação atualizada e conhecimento acerca das temáticas de gênero e sexualidade. Interessante observar o quanto o diálogo, nas redes sociais *online*, sobre violências contra às mulheres, por exemplo, se faz fundamental para reflexão das relações de gênero, ainda no contexto da sociedade atual. Campanhas como *Chega de Fiiu-fiiu*²³ e a

²³ Campanha contra o assédio sexual em espaços públicos lançada pelo projeto feminista Olga em 24 de julho 2013. Inicialmente, foram publicadas ilustrações com mensagens de repúdio a esse tipo de violência. As imagens foram compartilhadas por milhares de pessoas nas redes sociais, gerando uma resposta tão positiva que acabou sendo o início de um grande movimento social contra o assédio em locais públicos (Think Olga, 2013).

recente *16 dias de ativismo pelo fim da violência contra mulheres*²⁴ nos demonstram a importância destes ciberespaços para a conscientização, engajamento e empoderamento acerca das temáticas de gênero e sexualidade.

Figura 18 - Gráfico referente à pergunta 23 do questionário.



Fonte: Da autora.

Na questão de múltipla escolha sobre como as/os professoras/es se consideram diante os Movimentos Sociais de Gênero, pela leitura dos conteúdos e materiais midiáticos destes, bem como suas vivências com os Movimentos, notou-se que a maioria das/os respondentes se percebem positivamente influenciadas/os ao se denominarem: ‘interessada/o’ (36,1% igual à 35 pessoas), ‘empoderada/o’ (34% igual à 33 pessoas), ‘ativista/militante’ (27,8% igual à 27 pessoas) e ‘ciberativista’ (17,5% igual à 17 pessoas). Já 18,6% (igual à 18 pessoas) indicaram que ‘não se envolvem’ e 5,2% (igual à 5 pessoas) indicaram ‘outros’ sendo sinalizado ‘pouco envolvido’, ‘leitora do assunto’, ‘já fui militante, mas hoje estou afastada’, ‘militante, apesar de não participar de passeatas’ e ‘faço o que posso no meu ambiente, mas não vou às passeatas ou coisas do tipo’.

Estas respostas são extremamente significativas para este trabalho, corroborando com o entendimento que o ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero, expressos nas redes sociais pelos múltiplos materiais midiáticos, influenciam na percepção da/o professora/or sobre si, bem como na sua visão de envolvimento com os Movimentos.

Vale ressaltar que a maioria das/os professoras/es se auto identificam como interessadas/os e empoderadas/os frente aos Movimentos Sociais de Gênero e seus materiais midiáticos. Provavelmente o se identificar ativista ou ciberativista denomine uma militância

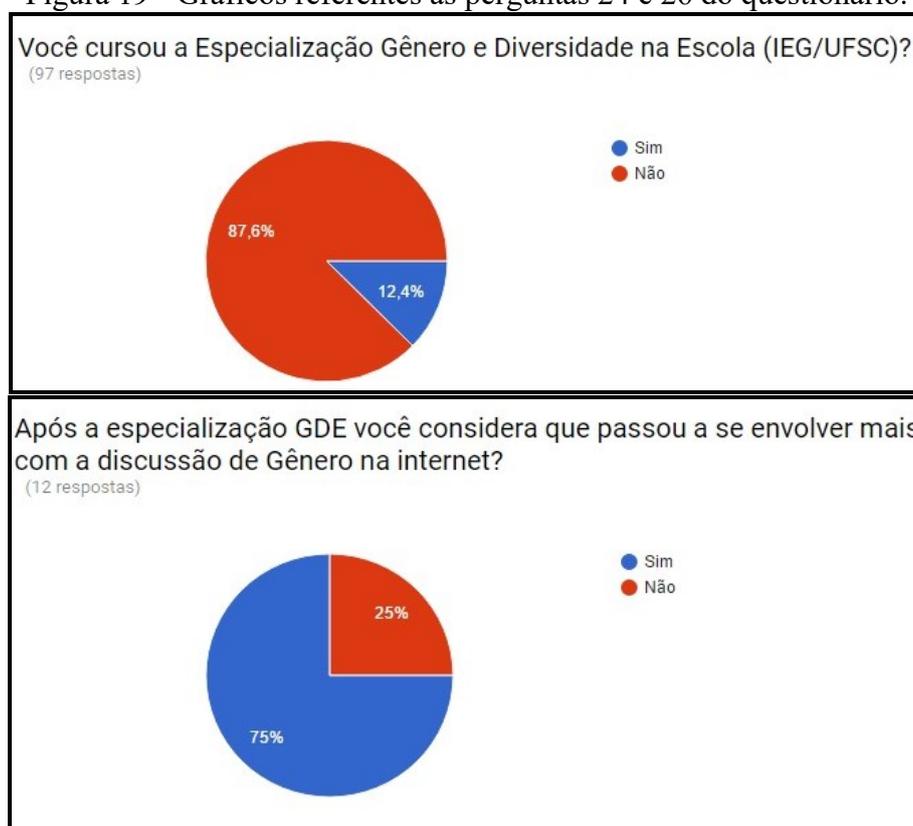
²⁴ Campanha nacional que tem por objetivo mobilizar a sociedade na luta pelo fim da violência e garantia dos direitos humanos das mulheres, procurando levar informações através de campanhas, palestras, passeatas, distribuição de materiais informativos, atos públicos, seminários, além de transmitir a sociedade informações por meio da mídia local. Os 16 dias compreende de 20 de novembro a 10 de dezembro de 2016.

de ir para ruas em passeatas. Entretanto, parto da compreensão que ao compartilhar dos ideais e lutas dos Movimentos Sociais de Gênero, e divulgá-los de maneiras múltiplas nas redes sociais *online*, bem como *off-line*, são considerados ações de ciberativismo e ativismo/militância.

4.4. ACADÊMICAS/OS DO GDE-UFSC

Neste momento, apresenta-se a discussão dos resultados sobre as questões referentes as/aos acadêmicas/os que estavam cursando no período da entrevista a Especialização de Gênero e Diversidade na Escola IEG/UFSC.

Figura 19 - Gráficos referentes às perguntas 24 e 26 do questionário.



Fonte: Da autora.

Das/os 97 respondentes que se denominaram professora/or, 12 destas/es foram acadêmicas/os do Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola da UFSC. Realizando interfaces com outras questões obteve-se mais sobre o perfil das/os professoras/es acadêmicas do Curso GDE, bem como suas percepções sobre as influências dos conteúdos e materiais midiáticos dos Movimentos Sociais de Gênero:

- 11 são mulheres e 1 agênero;
- 9 são heterossexuais, 1 é bissexual, 1 pansexual e 1 homossexual;
- 3 trabalham na Educação Infantil, 3 no Ensino Fundamental de 1º- 5º ano, bem como 3 no Ensino Médio. 1 trabalha com Ensino Superior e 2 no Ensino Fundamental de 6º - 9º ano;
- Quanto a influência dos conteúdos dos perfis de Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais *online*, para a formação, 4 responderam que influenciam ‘totalmente’, 5 responderam ‘muito’, 2 ‘às vezes’ e 1 ‘raramente’;
- Já na questão de múltipla escolha sobre a leitura dos materiais midiáticos dos perfis de Movimentos Sociais de Gênero, bem como a vivência, as/os acadêmicas/os se consideram: 5 ativista/militante, 5 empoderada/o, 3 ciberativista e 3 interessada/o.

Sendo assim, o perfil das/os acadêmicas/os não tem discrepância com o grupo em geral: grande maioria mulheres heterossexuais que trabalham com educandas/os de uma nova geração considerada nativas/os digitais. A maioria considera que os perfis dos Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais, influenciam ‘totalmente’ ou ‘muito’ para sua formação. Todas/os se consideram envolvidas/os com os Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais *online*, ao se denominarem ativista/militante, empoderada/o, ciberativista e/ou interessada/o.

Na questão 25, “Por meio da especialização do GDE, você considera que os materiais midiáticos compartilhados durante o Curso influenciaram na sua formação?”, todas/os as/os professoras/es acadêmicas/os do Curso responderam positivamente e os relatos demonstram o meu sentimento e percepção como também acadêmica do Curso, assim trago todas as 12 falas:

- “Sim. Muitos conteúdos que fizeram complementos importantes para a parte teórica do curso” (Respondente 4).
- “Sim, contribuíram para eu compreender melhor minha visão sobre o assunto” (Respondente 5).
- “Sim, este curso gerou na minha vida uma explosão de conhecimento que levo e levarei para a sala de aula, para compartilhar com meus colegas de profissão e como já levo para meu ambiente familiar” (Respondente 13).
- “Sim, contribuem trazendo a prática das relações sociais” (Respondente 20).

- “Foram extremamente importantes, pois ampliaram o referencial para abordar essas questões na sala de aula” (Respondente 21).
- “Sim, me trouxeram um novo olhar” (Respondente 34).
- “Sim. Porque tinham bom conteúdo, amparada teórica e academicamente” (Respondente 43).
- “Claro que considero. Porque mídias são formas de linguagem. Se nossas representações se construíram pela linguagem – discursos e todo os meio comunicativos – penso que a desconstrução, ou a sensibilização para uma experiência mais desconstruída, se dá da mesma forma” (Respondente 45).
- “Sim, pois ampliaram as informações” (Respondente 47).
- “Sim muito. Eu já tinha um posicionamento crítico e sensibilidade para esses temas, mas a pós – de gênero e diversidade – contribuiu para que eu compreendesse a teoria daquilo que eu vivenciava na prática, bem como a construção de argumentações sobre a importância desse tema na nossa sociedade” (Respondente 48).
- “Eu não sabia nada sobre os temas e hoje posso discutir com propriedade” (Respondente 49).
- “Sim. Não há como pensar em uma formação atual sem considerar materiais midiáticos” (Respondente 59).

Os relatos representam o quanto o Curso de GDE e o compartilhamento dos materiais midiáticos para dialogar sobre gênero e sexualidades foram essenciais para a formação destas/es profissionais.

Vale ressaltar que os múltiplos materiais midiáticos do Curso formam uma espécie de midiateca na plataforma Moodle®, se constituindo como um espaço *online*, feito *para e com* as/os acadêmicas/os, com uma imensa gama de elementos para construção do conhecimento e formação, bem como uso em sala de aula para os diversos públicos de educandas/os.

Durante as aulas presenciais do Curso, que aconteciam uma vez por mês, aos sábados, as/os docentes sempre nos facilitavam a compreensão do exposto por meio de diversos materiais midiáticos e as diferentes temáticas nos faziam pesquisar mais na internet, agregando o dialogado com notícias, artigos, e-books ou uma imagem compartilhada por uma página feminista, por exemplo. Todos estes elementos e diálogos por recursos múltiplos agregam a formação da/do professora/or propiciando reflexões, aprendizados e construções de conhecimento em rede, neste fazer de sujeito-coletivo.

Na questão 26, última do questionário, sobre “Após a especialização GDE você considera que passou a se envolver mais com a discussão de gênero na internet?”, das/os 12 professoras/es acadêmicas/os do Curso, 9 consideraram-se mais envolvidas/os com a discussão de gênero na internet, já 3 não. Estas/es 3 indicaram na questão sobre como se consideram frente aos Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais, e seus materiais midiáticos que se percebem como ‘ativista/militante’, demonstrando assim que sua militância também se faz nos ambientes *off-line*.

4.5. DIÁLOGOS SOBRE PANORAMA GERAL DESTE ESTUDO

Pela análise de dados das 26 questões compreendemos a relação entre professoras/es respondentes e seus usos dos conteúdos e materiais midiáticos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero e seu ciberativismo. Desta forma, interligando os resultados obtidos e os objetivos propostos entende-se que:

- O objetivo central deste estudo, de analisar as influências do ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para a formação de professoras/es, foi compreendido por meio das/os respondentes que sinalizaram que os Movimentos afetam suas reflexões por meio dos conteúdos e materiais midiáticos gerando a empatia pela luta estes Movimentos, bem como a confiabilidade das informações postadas, haja visto que pensa-se que os perfis dos Movimentos Sociais de Gênero, nas redes sociais *online*, tem comprometimento com a fonte e no passar mensagens de credibilidade às pessoas.
- Pode-se entender a percepção e proximidade das/os professoras/es com os Movimentos Sociais de Gênero na internet por meio dos resultados sobre compartilhamentos de conteúdos e nas menções às temáticas marcantes.
- Identificamos como as/os professoras/es, por meio dos materiais midiáticos das páginas/canais dos Movimentos Sociais de Gênero, se apropriam de conhecimentos, auxiliando na sua formação, e refletem sobre questões de engajamento e empoderamento através das percepções das/os respondentes sobre si, do seu ativismo e consciência das temáticas.
- Pode-se compreender como o Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola, da UFSC, com seus materiais midiáticos influencia no empoderamento e engajamento de suas/seus acadêmicas/os que são professoras/es, pois os resultados

apontaram que todas/os respondentes consideraram agregador para sua formação o contato com os múltiplos materiais midiáticos e que estes permitiram buscar novos recursos para ampliar seus repertórios e conhecimentos acerca de gênero, sendo a internet um destes caminhos. Cito como exemplo a interação nas redes sociais *online* com a turma Donna Haraway²⁵, do polo de Florianópolis, onde por meio do grupo do Facebook® e WhatsApp® compartilhamos constantemente notícias, imagens e vídeos sobre as questões diversas que abarcam gênero, e que é própria de cada uma que trabalha com os diferentes públicos de educandas/os.

²⁵ Bióloga, feminista, professora de História da Consciência na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Seus trabalhos influenciaram os Estudos Culturais e Estudos de Mulheres (como a Teoria Literária e Filosofia). Seu trabalho mais famoso é o “Manifesto ciborgue” (Feminismo.org.br, 2014).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados da pesquisa deste trabalho compreendi a importância de estudar sobre as influências de ações de ativismo digital (ciberativismo) em sujeitos que formam e são formados na era da internet, em tempos de Sociedade da Informação, como as/os professoras/es. Evidenciou-se a importância dos conteúdos e materiais midiáticos para obtenção de informação, bem como autoformação e formação, haja visto que estes conteúdos e materiais podem ser utilizados na sala de aula como elementos para construção de conhecimento.

Como apontado por Lapa, Coelho e Schwertl (2015) as redes sociais *online* são ciberespaços públicos que educam, e os movimentos sociais são pedagogos, como indicou Arroyo (2013), ainda mais no contexto da Sociedade da Informação. Obviamente, tudo que está posto no mundo pode ser usado para o bem e para o mal, entretanto é inegável que a internet tem um grande potencial de democratizar a informação, e por este estudo compreende-se que o ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero demonstra estar auxiliando na produção de conhecimentos com grupos diversos, de forma fácil, rápida e acessível.

Neste estudo compreendi a interação das/os professoras/es com os Movimentos Sociais de Gênero, onde a maioria sinalizou que conhece e segue perfis destes, bem como no contato frequente por meio do *feed* de notícias e compartilhamento de amigas/os. Quase todas/os respondentes indicaram a importância dos Movimentos Sociais de Gênero possuírem perfis nas redes sociais *online* para assim publicizar informações e conhecimentos acerca das temáticas de gênero e sexualidade.

A importância dos conteúdos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero foi também evidenciada neste grupo de professoras/es por conter informações atualizadas e agregadoras à formação. A grande maioria das/os respondentes demonstrou sentir confiança nos conteúdos e relatou que compartilham em suas redes sociais pessoais as postagens dos Movimentos Sociais de Gênero, bem como seus materiais midiáticos. Entende-se também que a internet e seus ciberespaços oportunizam a democratização do conhecimento, pois publicizam trabalhos acadêmicos, disponibilizam cursos *online* e graduações e especializações à distância, fornecem caminhos múltiplos para pesquisa, bem como diversos materiais midiáticos, como livros digitais, imagens, vídeos, músicas, oferecendo assim inúmeros recursos para autoformação e formação para todas as idades.

Muitas/os das professoras/es relataram como fazem uso dos conteúdos dos perfis dos Movimentos Sociais de Gênero na sala de aula apontando múltiplos diálogos sobre gênero e sexualidades por meio dos diversos materiais midiáticos, nos diferentes níveis de educação. Também foi interessante a afirmativa de boa parte das/os respondentes no adicionar suas/seus educandas/os em suas redes sociais pessoais nos fazendo entender as diversas interações que se dão nas relações *online* e *off-line*, agregadoras à construção de conhecimentos, principalmente para as/os nativas/os digitais.

Pelas respostas das/os professoras/es podemos reafirmar a importância do diálogo sobre gênero nas escolas para o aprendizado das diversas formas de ser, se fazendo fundamental nos atuais tempos de conservadorismo. Evidencia-se também a suma relevância da escola como espaço de construção de conhecimentos por meio das relações com as diversidades do ser, onde não se faz mais tolerável este ambiente ser conivente com omissão do diálogo sobre gênero e sexualidades. Temáticas estas que perpassam o autoconhecimento, logo também se fazem urgentes suas intencionalidades nos currículos de formação de professoras/es.

A ausência dos diálogos intencionais sobre gênero e sexualidades na escola pressupõe uma importante característica da nossa sociedade que obtém diversos documentos e políticas públicas (Parâmetros Curriculares Nacionais – 1997 e Proposta Curricular de Santa Catarina – 1998, por exemplo) que evidenciam a importância destas temáticas abordadas nos currículos escolares, entretanto o conservadorismo e tabus acobertam as discussões. Caracterizando assim gênero e sexualidade como um currículo oculto nas escolas, haja visto que somos indissociáveis da nossa dimensão sexualidade, bem como das construções sociais que gênero se faz por meio das relações humanas.

Desta forma, como os diálogos sobre gênero e sexualidades não foram efetivamente vivenciados nas escolas nas últimas décadas, a internet está sendo um dos caminhos para busca de informação e formação, também destas temáticas. Logo, podemos nos pautar nos diálogos nos ambientes educativos *online* para significativas formações nos ambientes *off-line*. Nota-se que estamos em um processo de ‘cultura de falar sobre gênero e sexualidade’ evidenciado pelas lutas e conteúdos dos Movimentos Sociais de Gênero, e este processo feito *no e pelo* coletivo precisa resistir ao conservadorismo posto atualmente.

A influência dos conteúdos dos Movimentos Sociais de Gênero e seu ciberativismo para formação das/os professoras/es foi exaltada quando a grande maioria caracteriza positivamente: o nível de influência destes conteúdos; como os Movimentos Sociais de Gênero afetam o entendimento sobre si, denominando-se ativista/militante, empoderada/o,

ciberativista e/ou interessada/o; e ao explicar sobre a importância dos conteúdos e materiais midiáticos destes Movimentos para informar-se e formar-se.

Por meio deste trabalho, compreende-se que por trás de cada postagem dos Movimentos Sociais de Gênero há o engajamento e o lema do movimento. Logo, não se entende o ciberativismo somente como aquele que usa de um *'marketing'* para sair das redes e ir para as ruas. As postagens são mensagens que reúnem as pessoas desde as simpatizantes às ativistas digitais ou não, assim o ciberativismo dos movimentos são mais que reuniões *online*, já que a abrangência é maior. No ativismo das ruas acontecem as reuniões presenciais, todavia percebe-se a abrangência menor, bem como participação. O ativismo digital permite alcances múltiplos desde às pessoas que não concordam, às que querem se informar, às simpatizantes, bem como às/aos ativistas das ruas, ou à/ao feminista, e também à/ao machista. A presença *online* se faz como um diferencial positivo destes novos espaços, haja visto que se pode estar em um ambiente *off-line* e múltiplos *online*, no mesmo momento.

As/os acadêmicas/os do Curso de GDE apontaram, também, a influência positiva dos Movimentos Sociais de Gênero para sua formação, bem como para o entendimento sobre si como ativista/militante, empoderada/o, ciberativista e/ou interessada/o. Os materiais midiáticos compartilhados pelo Curso foram considerados por todas/os respondentes como essenciais para suas formações. E a maioria destas/es acadêmicas/os indicou que está mais envolvida com as discussões de gênero na internet após cursar a Especialização de Gênero e Diversidade na Escola.

Por meio destas reflexões e diálogos, compreendo que os objetivos propostos foram alcançados, bem como a questão norteadora foi respondida. Entendo que os desafios desta pesquisa abrangeram: o tema ciberativismo ainda ser muito estudado nas temáticas das políticas partidárias dos países; pelo questionário *online* ser um instrumento novo em como as pessoas interagem com ele, não é um hábito nas pesquisas voltadas à educação e gênero; e a expectativa de respondentes do curso do GDE ter ficado abaixo, já que foram apenas 12, o que poderia ter trazido resultados mais assertivos.

Entendo que o questionário nos forneceu pistas sobre a formação de professoras/es na Sociedade da Informação - bem como do que está sendo vivenciado nas autoformações, nos cursos e nas escolas quanto às discussões de gênero e sexualidades - por meio das influências das páginas e canais dos Movimentos Sociais de Gênero, seu ciberativismo, principalmente por meio dos compartilhamentos de materiais midiáticos.

Assim, indica-se novas pesquisas que envolvam a internet e as questões de gênero e sexualidade, principalmente para refletir sobre as/os profissionais da Educação, haja visto que

são estas/es que seguem diariamente no processo de ensinar-aprender com as/os educandas/os, que são nativas/os digitais, e exigem novas maneiras de ensino-aprendizagem, bem como impõe novas formas de ser no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Método complexo e desafios da pesquisa. In: ALMEIDA, M.C.; CARVALHO, E.A. **Cultura e pensamento complexo**. Natal: EDUFRN, 2009.

ARROYO, Miguel.G. **PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?** Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arroyo.pdf>.

BELLETTINI, Orazio; ARELLANO, Adriana. Equador. p. 293-356. In: SORJ, B; FAUSTO, S.(orgs). **Ativismo político em tempos de internet**. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

DELORS, JACQUES (ORG.). **Educação um tesouro a descobrir – relatório para a unesco da comissão internacional sobre educação para o século xxi**. Cortez Editora – São Paulo: 1999.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E TECNOLOGIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: DIFERENCIAIS À INOVAÇÃO?** Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Nova Série, São Paulo, v.4, n.2, p. 44-51, jul./dez. 2008.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta LGBT no Brasil. p. 10-19. In: Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (org). **Psicologia e diversidade sexual**. São Paulo: CRPSP, 2011. Caderno Temático 11.

FERNANDO, Wellington. **Tipos de feminismo**. Ideias embalsamadas (blog). Disponível em: <http://ideiasembalsamadas.blogspot.com.br/2013/11/tipos-de-feminismo.html>. Postado em: 8 nov 13.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação.** Vol. 16. Nº 47. Maio-Ago/2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, São Paulo: Alínea, 2001.

GRAUPE, Mareli Eliane; SOUSA, Lúcia Aulete Búrigo de. Gênero e educação. p.111-120. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org). **Livro 2 – Módulo II – Gênero, diversidade sexual e religião; As diferenças de gênero no espaço escolar.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero // Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

LAPA, Andrea Brandão; COELHO, Isabel Colucci; SCHWERTL, Simoni Leal. **AS REDES SOCIAIS COMO UM ESPAÇO PÚBLICO EDUCADOR.** 37ª Reunião Nacional da ANPed. Outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT16-4529.pdf>.

LEMOS, Kamylla. **O movimento feminista e suas vertentes.** Medium (website). Disponível em: <https://medium.com/@kamyllalemos/o-movimento-feminista-e-suas-vertentes-3492875e162a#.ex2dmy6um>. Postado em 30 mar 16.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MELO, Sonia Maria Martins de, et al. **Educação e sexualidade.** 2.ed. rev. – Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MENDES, Conrado Moreira. **A PESQUISA ONLINE: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual.** Revista Digital Hipertextus (www.hipertextus.net), n.2, Jan.2009.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente.** Campinas: Papirus, 1997.

MORAES, Maria Cândida; LA TORRE, Saturnino De La. **Pesquisando a partir do pensamento complexo: elementos para uma metodologia de desenvolvimento ecossistêmica.** Educação, Jan/Abr 2006, n. 1 (58), P.145-172. Porto Alegre, RS.

NACHARD, Leni Mércia. **Sexualidade na Escola**. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/sexualidade-escola/>. Acessado em 15 mai 16.

NASCIMENTO, Fernanda; FOGLIARO, Débora. **LGBT, LGBTI, LGBTQ OU O QUÊ?** GEMIS – Gênero, Mídias e Sexualidade (website). Disponível em: <http://ggemis.blogspot.com.br/2014/08/lgbt-lgbti-lgbtq-ou-o-que.html>. Postado em: ago 14.

NÓBREGA, Mariana. **Entenda os diferentes feminismos**. Pandora Livre (website). Disponível em: <http://pandoralivre.com.br/2015/08/26/entenda-os-diferentes-feminismos>. Postado em: 26 ago 15.

NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. **Por que a educação deve discutir gênero e sexualidade? Listamos 7 razões**. Portal Aprendiz. Disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/06/25/por-que-a-educacao-deve-discutir-genero-e-sexualidade-listamos-7-razoas>. Postado em 25 jun 15.

RODRIGUES, Edile Maria Fracaro; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; MARTINS FILHO, Lourival José. Educação e a formação do educador. p.15-43. In: RODRIGUES, E.M.F.; JUNQUEIRA, S.R.A.; MARTINS FILHO, L.J. **Perspectivas pedagógicas do ensino religioso**. Formação inicial para um profissional do Ensino Religioso. Editora Insular, 2015.

ROSA, Andrenizia Aquino Eluanda. **Convergência das Mídias**. 2ª ed. rev – Florianópolis. IFSC, 2014.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Sociedade e Estado. Vol.21. Nº1. Jan-Abr/2006. Brasília. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf>.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica**. Educação e sociedade, Porto Alegre, v.16, nº2, p. 5-22, jul/dez, 1990.

SEIXAS, Fábio. **CIBERATIVISMO: UMA FORMA DE ATIVISMO NA WEB**. Observatório de Redes sociais (blog). Disponível em: <http://observatorioderedessociais.blogspot.com.br/2015/12/ciberativismo-uma-forma-de-ativismo-na.html>. Publicado em dez 15.

SILVA, Odair Marques da. **Os movimentos sociais nas tramas das redes sociais**. Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio sociopolítico. Brasília, v.17, n.1, Jun, 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/17217931-Os-movimentos-sociais-nas-tramas-das-redes-sociais.html>.

SORJ, Bernardo. Introdução: Online/off-line: o novo tecido do ativismo político. P.11-38. In: SORJ, B; FAUSTO, S.(orgs). **Ativismo político em tempos de internet**. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2016.

WELTER, Tânia. Ensino, religião e educação. p.15-28. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org). **Livro 2 – Módulo II – Gênero, diversidade sexual e religião; As diferenças de gênero no espaço escolar**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero // Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

WENDHAUSEN, Mônica; MELO, Sonia Maria Martins de. O fortalecimento da participação da família num projeto pedagógico: reflexões sobre experiências de uma escola municipal na busca de práticas dialógicas. In: RAMOS, D.K; SEGUNDO, F.R. (org.) **Tecnologias, participação e aprendizagem: contribuições à gestão democrática e ao fortalecimento dos Conselhos Escolares**. Florianópolis: Saberes em Diálogo, 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da. Gênero: um conceito importante para se entender o mundo social. p. 96-100. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; LOZANO, Marie-Anne; MAGRINI, Pedro Rosas (org). **Livro 1 – Módulo I – Introdução à tecnologia do Ensino a Distância; Diversidades, diferenças e interculturalidade; Gênero: um conceito importante para se entender o mundo social**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero // Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

YAMAOKA, Marina. **Ciberativismo 2.0**. Website Greenpeace. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/ciberativismo-20/blog/42605>. Postado em: 15 out 2012.

YIRULA, Carolina Prestes. **O que é ciberativismo?** Blog Caderno do dia. Publicado em 18 ago 2011. Disponível em: <https://cadernodia.wordpress.com/2011/08/18/ciberativismo>.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM OPERAÇÕES PARA MONTAGEM NO GOOGLE DRIVE®

Este questionário tem como público-alvo professoras e professores (licenciadas/os ou cursando licenciatura) que possuem contas em redes sociais na internet. Ele compõe a pesquisa de TCC da Especialização de Gênero e Diversidade na Escola (IEG/UFSC) da acadêmica Aline Diniz Warken, sob orientação do professor Dr. Pedro Rosas Magrini.

Agradecemos desde já sua contribuição para esta pesquisa em Educação, fortalecendo o conhecimento para melhorias na formação de educadoras(es)!

Eu aceito participar desta pesquisa acadêmica e atesto a veracidade de todas as informações prestadas.

- Sim [continua questionário]
- Não [Obrigada. Caso possa compartilhar, ficaremos felizes com sua ajuda.]

Você é professora/professor?

- Sim [continua questionário]
- Não [Obrigada, mas nosso questionário direciona-se apenas ao público de professoras(es). Caso possa compartilhar, ficaremos felizes com sua ajuda.]

Possui contas em redes sociais?

- Sim [continua questionário]
- Não [Obrigada, mas nosso questionário direciona-se apenas as(aos) professoras(es) usuárias(os) de redes sociais. Caso possa compartilhar, ficaremos felizes com sua ajuda.]

PERFIL DA/O PROFESSORA/PROFESSOR

1. Quais redes sociais que possui conta? [caixas para seleção de uma ou todas]
 - Facebook*
 - Twitter*
 - Instagram*

- *Youtube*
- Outro: (entrada de texto)

2. Sobre sua identidade de gênero, você se considera:

- Mulher
- Homem
- Travesti
- Transexual/Transgênero
- Agênero
- Outro: (entrada de texto)

3. Sobre sua orientação afetiva-sexual, você se considera:

- Bissexual
- Heterossexual
- Homossexual
- Assexual
- Pansexual
- Outro: (entrada de texto)

4. Sobre sua raça, você se considera:

- Branca/o
- Parda/o
- Negra/o
- Indígena
- Amarela/o
- Outro: (entrada de texto)

5. Em que Estado você mora?

- Entrada para Sigla Estado

6. Você mora em qual cidade?

- Entrada texto para nome cidade

7. Sobre a renda familiar mensal, você e sua família recebem:
- Até R\$ 880
 - R\$ 881 à R\$ 2.500
 - R\$ 2.501 à R\$ 4.000
 - R\$ 4.001 à R\$ 6.000
 - Mais de R\$ 6.001
8. Qual sua área de atuação na Educação? [caixas para seleção de uma ou todas]
- Educação Infantil
 - Ensino Fundamental 1-5º anos
 - Ensino Fundamental 6-9º anos
 - Ensino Médio
 - Ensino Técnico
 - Ensino Superior
 - Educação Jovens e Adultos
 - Outro: (entrada de texto – Em que curso você atua?)
9. Quanto é o seu tempo de atuação profissional?
- 0 a 5 anos
 - 6 a 10 anos
 - 11 a 15 anos
 - 16 a 20 anos
 - 21 anos ou mais

SOBRE GÊNERO & INTERNET

10. Conhece algum grupo de Movimento Social de Gênero (feminista, LGBTs, etc.)?
- Sim - Qual/is grupo/s conhece?
 - Não - próxima questão
11. Considera importante que esses grupos possuam páginas em redes sociais?
- Sim/Não

- Por quê?

12. Nestas redes sociais, segue páginas ou perfis de Movimentos Sociais de Gênero (feminista, LGBTs, etc.)?

- Sim - Cite algumas (se possível insira os links)
- Não - próxima questão

13. O que lhe fez buscar por e/ou seguir estas páginas/canais? (exemplos: através do compartilhamento de amigos, para complementar sua formação, atual situação política, retirada de Gênero dos Planos de Educação, citação Simone de Beauvoir no ENEM, Escola Sem Partido, etc.).

14. Como costuma visualizar os conteúdos destas páginas/perfis? [caixas para seleção de uma ou todas]

- Acesso diretamente seus endereços
- Recebo no *Feed* de Notícias/*Timeline*
- Por meio de compartilhamento de amigos
- Outro: [entrada de texto]

15. Compartilha nas suas redes sociais os conteúdos (imagens, vídeos, reportagens, etc.) destas páginas?

- Sim/ por quê?
- Não/ por quê?

16. Com qual frequência compartilha estes conteúdos?

- Sempre
- Muito
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

SOBRE GÊNERO, INTERNET & EDUCAÇÃO

17. Utilizou ou utiliza estes conteúdos em sala de aula como professora/professor?

- Sim - **Explicita alguma atividade que você realizou.**
- Não – **próxima questão**

18. Sobre adicionar educandas(os) entre as amigas das redes sociais, considero:

- Agregador para múltiplas discussões dentro e fora da sala de aula.
- Problemático, pois se trata de um espaço pessoal, fora do âmbito profissional.
- Outro: **(entrada de texto)**

19. Você considera importante discutir Gênero na Escola?

- Sim. Por que?
- Não. Por que?

20. Em sua opinião, quais são as dificuldades de abordar Gênero na Escola?

[caixas para seleção de uma ou todas]

- Pouca formação profissional
- Tabu pessoal
- Preocupação com a opinião dos familiares das(os) educandas(os)
- Não é um tema proposto intencionalmente nos currículos escolares
- Outro: **(entrada de texto)**

21. Considera que os conteúdos de páginas/canais de Movimentos Sociais de Gênero influenciam na sua formação?

- Totalmente **(100%)**
- Muito **(75%)**
- Às vezes **(50%)**
- Raramente **(25%)**
- Nunca **(0%)**

22. Destas páginas de Movimentos Sociais de Gênero, teve algum conteúdo que foi marcante para sua formação ou reflexão sobre as questões de gênero?

- Sim – **Cite conteúdo/situação**
- Não – **Próxima questão**

23. Pela leitura dos materiais midiáticos destas páginas/canais e a sua vivência, como você se considera diante dos Movimentos Sociais de Gênero: [caixas para seleção de uma ou todas]

- Empoderada (o)
- Engajada
- Ciberativista
- Ativista
- Consciente
- Não me envolvo
- Outro: (entrada de texto)

24. Você cursou a Especialização Gênero e Diversidade na Escola (IEG/UFSC)?

- Sim (vai pra próxima questão)
- Não (termina questionário)

ACADÊMICAS/OS DO GDE-UFSC

25. Por meio da especialização do GDE, você considera que os materiais midiáticos compartilhados durante o curso influenciaram na sua formação?

- Sim – Por quê?
- Não – Por quê?

26. Após a especialização GDE você considera que passou a se envolver mais com a discussão de Gênero na internet?

- Sim
- Não

Caso queira acrescentar comentários sobre o tema ou fazer sugestões para a pesquisa, deixamos aberto este espaço! [entrada de texto]

Agradecemos imensamente a participação! Se quiser manter contato sobre esta pesquisa, envie e-mail para alinedw@hotmail.com.